



CRB

## Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

### HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (cf. Lucas 24,13-35).

### PRIORIDADES

#### 1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

#### 2. Missão, profecia e juventudes

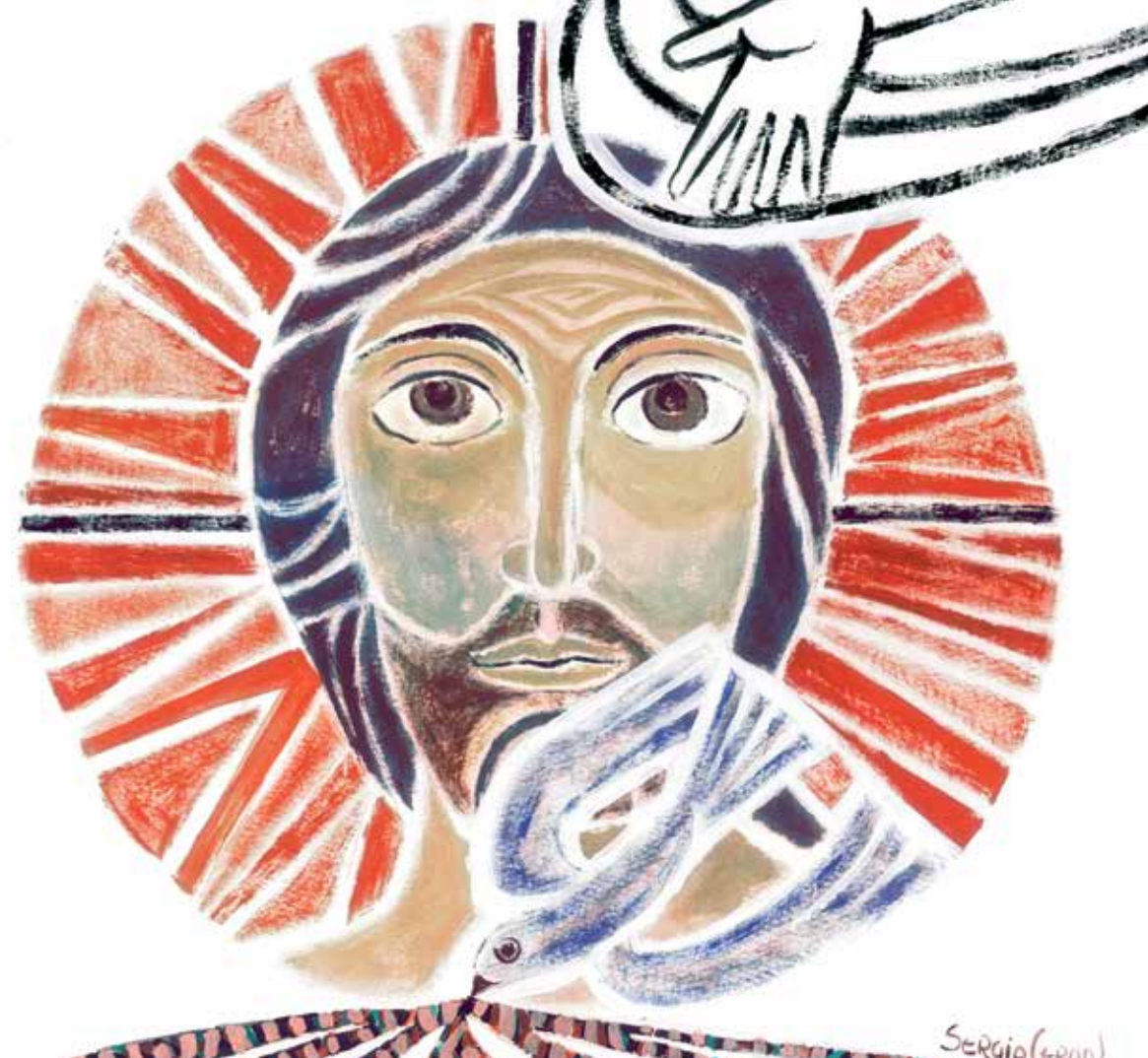
Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

#### 3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

#### 4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase nas novas gerações, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



# Convergência

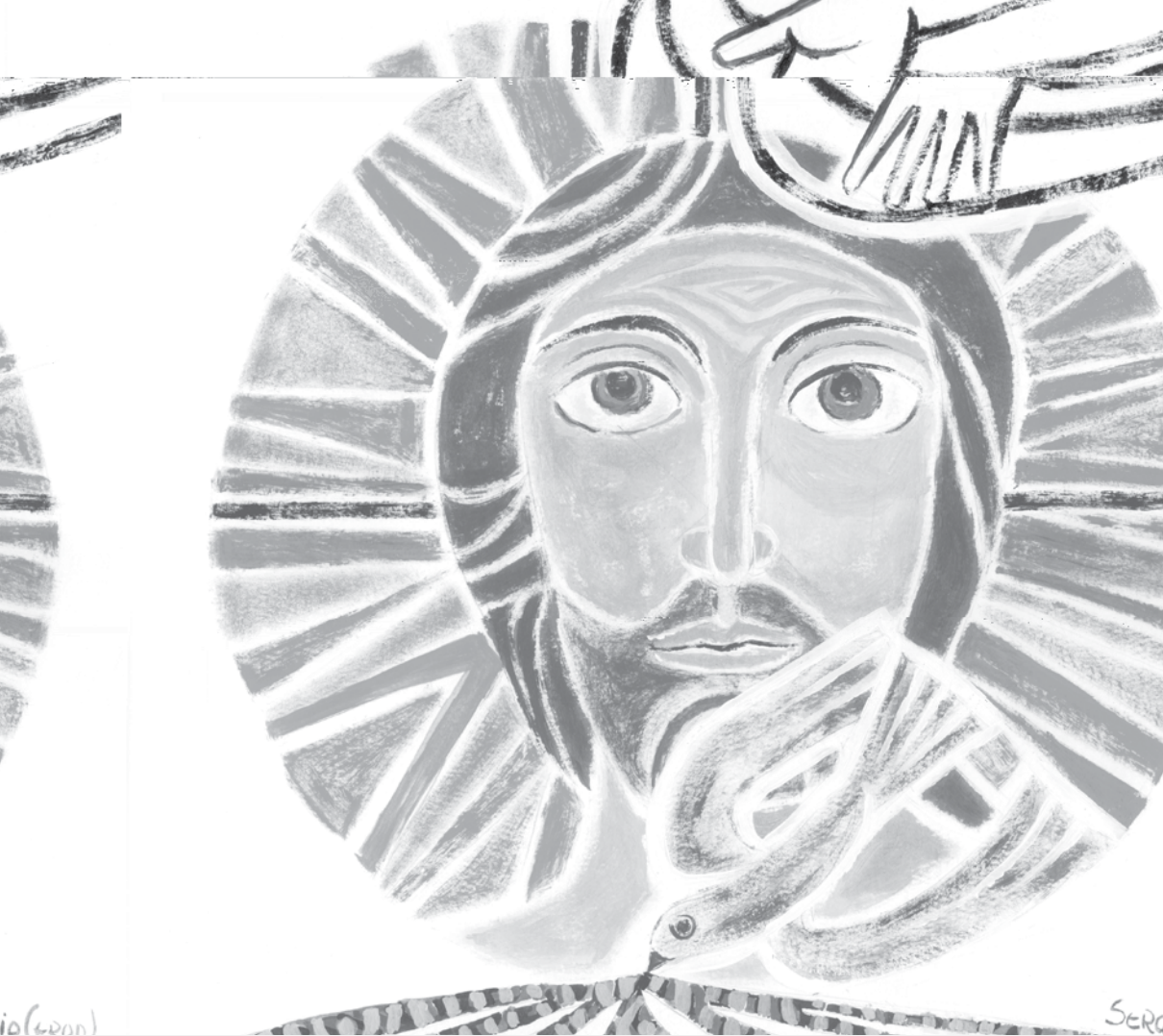
ABRIL 2016  
ANO LI • Nº 490

O Papa "que veio de longe":  
da *Laudato Si'*  
ao Ano da  
Misericórdia

Misericórdia e a  
Vida Consagrada

A vocação universal  
à santidade e a Vida  
Consagrada

Apontamentos de  
marketing vocacional  
para nortear nossos  
sonhos



# Convergência

ABRIL 2016  
ANO LI • Nº 490

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



Convergência ISSN 0010-8162

**DIRETORA:** Irmã Maria Inês Ribeiro, mad  
**EDITOR:** Irmão Lauro Daros, fms  
**REDATORA:** Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

**CONSELHO EDITORIAL:** Frei Moacir Casagrande, ofmcap  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vitório, sj  
João Edênio Valle, svd

**PROJETO GRÁFICO:** Manuel Rebelato Miramontes  
**COORDENAÇÃO DE REVISÃO:** Marina Mendonça  
**REVISÃO:** Mônica Elaine G. S. Costa e Ana Cecília Mari  
**IMPRESSÃO:** Gráfica de Paulinas Editora  
**ILUSTRAÇÃO DA CAPA:** Sergio Ceron

**DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 - Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: crb@crbnacional.org.br  
www.crbnacional.org.br  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

## Sumário

### Editorial

Tornar-se próximo 221

### Mensagem do Papa

A carta de apoio ao Papa nos vários idiomas  
Leonardo Boff 224

Rostos da misericórdia e da compaixão do Pai  
Erwin Kräutler 227

### Mártires e confessores da VRC a caminho dos altares

Prova de amor maior não há que doar a vida pelos irmãos  
(cf. Jo 15,13)  
Irmã Dulce Bach Deves 237

### Informe

A educação dos filhos  
Luis Stadelmann 241

### Artigos

O Papa “que veio de longe”: da Laudato Si’  
ao Ano da Misericórdia Rumo a uma nova espiritualidade  
Nicolau João Bakker 248

Misericórdia e a Vida Consagrada  
Pe. Ronaldo Mazula 262

A vocação universal à santidade e a Vida Consagrada  
C. Caliman 272

Qual é a minha missão nesta breve existência na terra? –  
Apontamentos de marketing vocacional para nortear  
nossos sonhos  
Ir. Cintia Giacinti Barbon 286

Com a publicação do texto de Bo , “A carta de apoio ao Papa nos vários idiomas”, a CRB deseja expressar total apoio ao Papa Francisco: “Queremos estar ao seu lado, apoiá-lo em sua visão evangélica e libertadora de Igreja, e de mundo, conferir-lhe coragem e força interior para nos atualizar, por palavras e gestos, a Tradição de Jesus feita de amor, de misericórdia, de compaixão, de intimidade com Deus e de solidariedade para com a humanidade sofredora”.

No relato sobre a misericórdia, Dom Erwin esclarece o que é “ser próximo” e o que é “tornar-se próximo”. “Ser próximo é a constatação de alguém estar bem perto de outrem. *Tornar-se* próximo implica uma decisão conscientemente tomada de aproximar-se de outra pessoa, no caso da história do Evangelho, de quem foi assaltado e está necessitando de primeiros socorros.”

Por orientação da Diretoria da CRB, a *Convergência* passará a publicar mensalmente a biografia de um/a mártir da VRC e de confessores/as a caminho dos altares. Começamos com a Irmã M. Adelaide Molinari, que se tornou próxima dos sofridos. “O sangue desta Irmã, derramado em terras paraenses, une-se ao sangue de tantos outros que, a partir de Jesus Cristo, já tomaram na luta para que o direito do pobre seja respeitado. Todo este sangue que rega a nossa terra há de fecundar este chão para fazer brotar a justiça, a paz e a fraternidade.”

Por que a publicação mensal de uma biografia de um/a mártir e de confessores/as a caminho dos altares? Trata-se de uma homenagem e gratidão da Conferência dos Religiosos do Brasil a esses religiosos/as que doaram a vida pelo Reino de Deus, que amaram Jesus Cristo e as pessoas até o

m, que são para nós exemplo de fidelidade e de alegria no Evangelho.

Luis Stadelmann escreve sobre “A educação dos jovens”, porque, segundo o autor, “o tema da educação dos jovens assume importância cada vez mais premente no mundo de hoje, porque o patrimônio de maior valorização na sociedade é a nova geração de jovens que vão gerenciar as empresas e orientar as políticas em nível nacional e internacional”.

Nicolau Bakker, no texto “O papa ‘que veio de longe’: da *Laudato Si'* ao Ano da Misericórdia”, expressa que, “Ao fazer de 2016 o ‘Ano Jubilar da Misericórdia’, o atual sucessor de Pedro indica – juntamente com a *Laudato Si'* – onde está a sua grande preocupação: a Igreja deve ir ao encontro do próximo (e de todos os seres vivos da Criação) não com a postura rígida de Simão, o fariseu (Lc 7,36-50), mas com a atitude misericordiosa de Jesus que acolhe, a quem quer que seja, com palavras de conforto, compreensão e esperança. Simplesmente porque, para Jesus, Deus é assim”.

Pe. Ronaldo Mazula, com o artigo “Misericórdia e a Vida Consagrada”, lança algumas perguntas interessantes à VRC: Qual o significado da *misericórdia* para a Vida Consagrada? Como direcionar nossa vida de consagrados e consagradas a partir da perspectiva da *misericórdia*? É possível falar de uma *vida consagrada misericordiosa* neste início de III Milênio? As dificuldades próprias do mundo contemporâneo e os processos de institucionalização permitem que a Vida Consagrada ainda “se compadeça das multidões”?

Pe. Cleto Caliman lembra à VRC e à Igreja a vocação universal à santidade. Ele trata o tema, primeiro, desenvolvendo alguns critérios para nos orientar a um novo paradigma da Vida Religiosa no século XXI; segundo, indicando os principais ensinamentos conciliares sobre a vocação universal à santidade na Igreja e na Vida Religiosa.

Irmã Cíntia Giacinti Barbon oferece apontamentos de marketing vocacional para nortear nossos sonhos, com o texto “Qual é a minha missão nesta breve existência na terra?”. Diz a autora: “A partir da aproximação com a bússola,

selecionamos quatro pontos cardeais, indicadores do marketing, para que possamos explicar a sua essência; para, nesta explicação, colocar-nos a caminho nos desafios e inovações que o marketing nos aponta rumo ao marketing vocacional: (1) *norte* – criação de valor; (2) *sul* – processo criativo; (3) *leste* – *design thinking*; e (4) *oeste* – avaliação”.

*Ir. Lauro Daros, marista*

## A carta de apoio ao Papa nos vários idiomas

Querido Papa Francisco:

Somos muitos na América Latina, no Caribe e em outras partes do mundo que acompanhamos com preocupação a oposição e os ataques que lhe fazem minorias conservadoras, mas poderosas dentro e fora da Igreja. Perplexos, assistimos a algo inusitado nos últimos séculos: a tomada de posição de alguns cardeais contra o seu modo de conduzir o Sínodo e, mais que tudo, a Igreja Universal.

A carta estritamente pessoal, dirigida ao senhor por um grupo de cardeais, foi vasada para a imprensa, como já havia sucedido com sua encíclica *Laudato Si'*, em clara violação dos princípios de um jornalismo ético.

Tais grupos postulam uma volta ao modelo de Igreja do passado, concebida mais como uma fortaleza fechada do que como “um hospital de campanha sempre aberto para acolher quem lhe bata às portas”; Igreja que deverá “procurar e acompanhar a humanidade de hoje não com portas fechadas, o que trairia a si mesma e a sua missão e que, em vez de ser uma ponte, se tornaria uma barreira”. Estas foram suas corajosas palavras.

As atitudes pastorais do tipo de Igreja proposto em seus discursos e em seus gestos simbólicos se caracterizam pelo amor caloroso, pelo encontro vivo entre as pessoas e com o Cristo presente entre nós, pela misericórdia sem limites, pela “revolução da ternura” e pela conversão pastoral. Esta implica que o pastor tenha “cheiro de ovelha” porque convive com ela e a acompanha ao longo de todo o percurso.

Lamentamos que, tais grupos, o mais que fazem é dizer não. Recordamos a esses nossos irmãos as coisas mais óbvias

da mensagem de Jesus. Ele não veio dizer não. Ao contrário, ele veio dizer sim. São Paulo, na segunda Epístola aos Coríntios, nos recorda que “o Filho de Deus sempre foi sim, porque todas as promessas de Deus são sim em Jesus” (2Cor 1,20).

No evangelho de São João, Jesus afirma explicitamente: “Se alguém vem a mim eu não o mandarei embora” (Jo 6,37). Podia ser uma prostituta, um leproso, um teólogo medroso como Nicodemos: a todos acolhia com amor e misericórdia.

A característica fundamental do Deus de Jesus, “Abbá”, é sua misericórdia ilimitada (Lc 6,36) e seu amor preferencial pelos pobres, doentes e pecadores (Lc 5,32; 6,21). Mais que fundar uma nova religião com reis piedosos, Jesus nos veio ensinar a viver e a realizar a mensagem central do Reino de Deus, cujos bens são: o amor, a compaixão, o perdão, a solidariedade, a fome e sede de justiça e a alegria de todos sentirem-se filhos e filhas amados de Deus.

Os intentos de deslegitimar seu modo de ser bispo de Roma e Papa da Igreja universal, guiando-se mais pela caridade do que pelo direito canônico, mais pela colegialidade e pela cooperação do que pelo exercício solitário do poder, serão vãos, porque nada resiste à bondade e à ternura das quais o senhor nos dá um esplêndido exemplo. Da história aprendemos que, onde prevalece o poder, desaparece o amor e se extingue a misericórdia, valores centrais da sua pregação e da de Jesus.

Neste contexto, em face da nova fase planetária da história e das ameaças que pesam sobre o sistema-vida e o sistema-Terra, corajosamente apontadas em sua encíclica *Laudato Si'* sobre “o cuidado da Casa Comum”, queremos cerrar as portas ao seu redor e mostrar nosso inteiro apoio à sua pessoa e ministério, à sua visão pastoral e aberta de Igreja e à forma carismática pela qual nos faz sentir novamente a Igreja como um lar espiritual. E são tantos de outras igrejas e religiões e do mundo secular que o apoiam e o admiram pelo seu modo de falar e de agir!

Não é destituído de signi cação o fato de que a maioria dos católicos vive nas Américas, na África e na Ásia, onde se constata grande vitalidade e criatividade em diálogo com as diferentes culturas, mostrando vários rostos da mesma Igreja de Cristo. A Igreja Católica é hoje uma Igreja do Terceiro Mundo, pois somente 25% dos católicos vivem na Europa. O futuro da Igreja se decide nessas regiões onde sopra fortemente o Espírito.

A Igreja Católica não pode car refém da cultura ocidental, que é uma cultura regional, por maiores méritos que tenha acumulado. É preciso que se desocidentalize, abrindo-se ao processo de mundialização que favorece o encontro das culturas e dos caminhos espirituais.

Querido Papa Francisco: o senhor participa do mesmo destino do Mestre e dos Apóstolos que também foram incompreendidos, caluniados e perseguidos. Mas estamos tranquilos porque sabemos que o senhor assume tais tribulações no espírito das bem-aventuranças. Suporta-as com humildade. Pede perdão pelos pecados da Igreja e segue as pegadas do Nazareno.

Queremos estar ao seu lado, apoiá-lo em sua visão evangélica e libertadora de Igreja e de mundo, conferir-lhe coragem e força interior para nos atualizar, por palavras e gestos, a Tradição de Jesus feita de amor, de misericórdia, de compaixão, de intimidade com Deus e de solidariedade para com a humanidade sofredora.

En m, querido Papa Francisco, continue a mostrar a todos que o Evangelho é uma proposta boa para toda a humanidade, que a mensagem cristã é uma força inspiradora no “cuidado da Casa Comum” e geradora de uma pequena antecipação de uma terra reconciliada com si mesma, com todos os seres humanos, com a natureza e principalmente com o Pai que mostrou ter características de Mãe de in nita bondade e ternura. Ao nal, poderemos juntos dizer: “tudo é muito bom” (Gn 1,31).<sup>1</sup>

Leonardo Boff<sup>2</sup>

1 Fonte: <<https://leonardobo.wordpress.com/2015/11/10/a-carta-de-apoio-ao-papa-nos-varios-idomas/>>.

2 *Advertência:* Para os que quiserem enviar sua adesão à Carta de Apoio ao Papa Francisco, remetê-la para o novo e-mail: <[apoyoalpapafrancisco@yahoo.com](mailto:apoyoalpapafrancisco@yahoo.com)>, e não mais para <[valecarusi@gmail.com](mailto:valecarusi@gmail.com)>. Muito obrigado! (Leonardo Bo ).

## Rostos da misericórdia e da compaixão do Pai

“Qual destes três, na tua opinião, tornou-se próximo daquele que caiu nas mãos dos assaltantes?”  
“Aquele que usou de misericórdia para com ele!”

(Lc 10,36-37)

### Observação preliminar

A história do Bom Samaritano é uma história de compaixão e misericórdia. Compaixão é um estado emotivo, um sentimento afetivo. Misericórdia é a compaixão traduzida em ação, em solidariedade, em amor que se doa sem nada esperar em troca.

No original grego do Evangelho de São Lucas, a pergunta não é “quem foi o próximo”, como erroneamente quase todas as edições da Bíblia traduzem. Na realidade Jesus pergunta: “quem se tornou próximo?”<sup>1</sup> Ser próximo é a constatação de alguém estar bem perto de outrem. Tornar-se próximo implica uma decisão conscientemente tomada de aproximar-se de outra pessoa; no caso da história do Evangelho, de quem foi assaltado e está necessitando de primeiros socorros. Não importa quem é, de onde vem, a que raça pertence, que religião professa. Basta que esteja sofrendo, basta que esteja precisando de nosso auxílio, de nosso apoio.

“Qual é a tua?!”

Desde 1984 celebramos no Xingu, de cinco em cinco anos, a Grande Assembleia do Povo de Deus. Reunimo-nos, leigas e leigos, religiosas e religiosos, padres e o bispo,

1 Lc 10,36, original grego: “Τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς ληστὰς”, traduzido ao pé da letra: “Quem destes três parece a ti ter-se tornado próximo do que tem caído entre os assaltantes”.

para avaliar o passado e, com base numa análise da conjuntura do presente, escolher e votar as diretrizes e prioridades para o quinquênio subsequente. Cada uma das 800 comunidades é representada por uma delegada ou um delegado.

Uma dessas macrorreuniões cou gravada de modo indelével na memória de todos os participantes. Os jovens zeram a encenação do “Bom Samaritano”, adaptando a história que Jesus contou à nossa realidade atual. Em lugar do caminho que leva de Jerusalém a Jericó, o palco é uma estrada de chão na Amazônia. Primeiro entra em cena um casal de agricultores com seus filhos pequenos. São cercados e enxotados por jagunços que gritam: “Se não caírem fora daqui imediatamente, vão amanhecer com a boca cheia de formigas!”. O casal pega os filhos e corre em desespero. Em seguida vêm duas jovens bonitas. São abordadas por homens com promessas de muito dinheiro e vida melhor no exterior. As moças querem livrar-se do assédio. Não conseguem. São agarradas violentamente e sequestradas. Depois alguns índios, com seus cocares e pintados de urucum e jenipapo, aparecem no palco. São atacados a chutes e xingamentos. Estão tremendo de medo e ficam cada vez mais espantados, pois nem sequer entendem os gritos dos agressores. Não sabem português. Sua língua-mãe é caiapó. Aí, de repente, os desalmados sacam suas armas e os executam um a um à queima-roupa. Por fim são jovens e crianças que lotam o palco interpretando árvores e arbustos. Ouve-se a soada de uma motosserra. Todos tombam e caem esparramados no chão. Silêncio total! A plateia parece prender o fôlego e estremece quando ouve uma voz que repetidas vezes brada: “Qual é a tua, irmão?!” “Qual é a tua, irmã?!”.

Os jovens que encenaram o Bom Samaritano intuíram e transmitiram perfeitamente a mensagem, a essência da história que Jesus contou. O pobre que caiu nas mãos dos assaltantes é o paradigma de todos os assaltados e agredidos da humanidade, e também o meio ambiente. Não é um caso isolado. O homem semimorto entre Jerusalém e Jericó tem muitos rostos. E os que passam “ao largo” não são apenas o sacerdote e o levita daquele tempo. São hoje latifundiários,

madeireiros, mineradoras, políticos, até o próprio Governo; todos eles defensores intransigentes de um sistema econômico excludente que chega ao ponto de considerar supérfluo e descartável a quem não produz ou consome.<sup>2</sup> Nosso Papa Francisco adverte: “Hoje devemos dizer não a uma economia da exclusão e da desigualdade social. Esta economia mata” (EG 53). São estruturas econômicas injustas, instituições, empresas, rmas que tomam a Amazônia de assalto e passam “ao largo” dos povos indígenas e ribeirinhos, tapando os ouvidos quando escutam os gritos dos que perdem suas terras ou são condenados a viver num meio ambiente violentado, arrasado, destruído pelos grandes projetos do Governo que, para sua implementação, alega serem de “interesse nacional”. Também em nossa Igreja existem tendências de passar “ao largo”, enquanto há setores que advogam uma nítida separação entre fé e vida e a rman não ser papel da Igreja meter-se em assuntos “de ordem temporal”. Todos nós somos assolados pela tentação de conformar-nos com esse mundo injusto e de passar “ao largo” de quem corre risco de vida ou é considerado lixo humano: “Não vi, nem quero ver! Não tem nada a ver comigo!”.

Os jovens, no entanto, não queriam apenas apresentar cenas horripilantes para causar impacto e indignação. Entenderam que não bastam compaixão e lástima, dó e piedade traduzidas em: “Tenho pena dessa gente” – “Esse povo à beira da BR me causa arrepios” – “Dá dó ver esses pobres maltrapilhos!” – “Que judiação: crianças desassistidas e passando fome!” – “Que horror: jovens indígenas cometendo suicídio!”.

Exclamações como essas, mesmo que sejam bem intencionadas, não são os gritos de dor das vítimas. São exclamações de quem observa, assiste, vê, ouve, sente, mas se encontra do lado de fora do cenário da desgraça. Não está mergulhado na miséria, não está com tuberculose, não é o pai ou a mãe de uma criança morta por causa de desnutrição ou diarreia. Não está sendo expulso de sua terra, perseguido por jagunços a mando de fazendeiros. Não é vítima do tráfico humano e levado ao submundo da prostituição e da

<sup>2</sup> “Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: da exclusão social. Com ela o pertencimento à sociedade na qual se vive fica afetado, pois já não se está abaixo, na periferia ou sem poder, mas se está de fora. Os excluídos não são somente ‘explorados’, mas ‘supérfluos’ e ‘descartáveis’” (*Documento de Aparecida*, 65).



droga. Não está de luto diante do corpo inerte de uma jovem guarani-kaiowá, que se enforcou porque não quis mais viver neste mundo que para ela se tornou o inferno. Não está atolado na imundície de uma barraca na margem de uma rodovia. Está do lado de fora! Observa e se espanta; a dor, porém, é dos outros!

O grito “Qual é a tua, irmão?!” “Qual é a tua, irmã?!” dos jovens quer suscitar respostas concretas e empenho e engajamento da nossa Igreja, mas também individualmente de cada cristão e cristã, de todos os cidadãos e cidadãs deste país.

Usar de misericórdia com as famílias de agricultores expulsos de suas terras para ceder lugar ao latifúndio, ao agronegócio

Como ficar indiferente ante a injusta distribuição de terras agriculturáveis em nosso país! Como não se revoltar diante da enorme disparidade entre detentores de imensas extensões de terra e agricultores que, com suas famílias, não têm onde cair mortos, não têm onde morar, plantar e colher para o seu sustento! Em outubro de 1991, o Papa João Paulo II já se queixava do “elevado grau de concentração da propriedade de terras no Brasil, que exige uma justa reforma agrária”.<sup>3</sup>

No Encontro Mundial dos Movimentos Populares, o Papa Francisco enfatizou:

A justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano não é mera caridade. É um dever moral. Para os cristãos, o encargo é ainda mais forte: é um mandamento. Trata-se de devolver aos pobres e às pessoas o que lhes pertence. O destino universal dos bens não é um adorno retórico da doutrina social da Igreja. (...) Neste caminho, os movimentos populares têm um papel essencial.<sup>4</sup>

3 Homília na Missa celebrada para os 40 anos da Arquidiocese de São Luís do Maranhão, em 14 de outubro de 1991.

4 Rádio Vaticano, versão integral do discurso do Papa Francisco aos Movimentos Populares reunidos na Bolívia. Bolívia, Santa Cruz, 9 de julho de 2015.

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) foi fundada em junho de 1975, sob o patrocínio da CNBB, para tratar da situação dos trabalhadores rurais e dos conflitos no campo. Desde então a entidade denuncia irregularidades no campo, perseguições e execuções de agricultores, sistemas de escravidão e outros crimes.

Há pouco tempo a CPT Anapu/Altamira denunciou mais um assassinato no PDS Esperança, fundado pela Irmã Dorothy, e pediu providências urgentíssimas “de operações de emergência, de investigação e prevenção” para conter “a inominável escalada de violações de direitos humanos em Anapu”.<sup>5</sup>

Usar de misericórdia com as vítimas do tráfico humano, especialmente na Amazônia

A Campanha da Fraternidade 2014 teve por tema “Tráfico Humano e Fraternidade” para conscientizar a sociedade brasileira sobre a importância de informar, de denunciar ao Poder Público, a fim de que se possa investigar e punir os que praticam o crime do tráfico humano.<sup>6</sup> A Igreja declarou-se “solidária com as pessoas traficadas”,<sup>7</sup> porque “o tráfico humano é uma agressão a todos, por isso sua erradicação deve ser assumida por todos. Abandonar seu semelhante ao sofrimento ou mostrar-se indiferente é falta de amor e, por isso, sinal de insanidade e desumanidade”.<sup>8</sup>

É um crime que atenta contra a dignidade da pessoa humana, já que explora o homem e a mulher de Deus, limita suas liberdades, despreza sua honra, agride seu amor-próprio, ameaça e subtrai sua vida, quer seja da mulher, da criança, do adolescente, do trabalhador ou da trabalhadora – de cidadãs e cidadãos que, fragilizados por sua condição socioeconômica e/ou por suas escolhas, se tornam alvo fácil para as ações criminosas de traficantes.<sup>9</sup>

A Campanha da Fraternidade 2014 encerrou-se na Páscoa de 2014, mas o nosso compromisso não terminou, de lutarmos contra essas graves violações aos direitos humanos,

5 MPF – Ministério Público Federal, Procuradoria da República do Pará. Disponível em: <<http://www.prpa.mpf.mp.br/news/2015/cpt-denuncia-mais-uma-execucao-em-anapu>>. Acesso em: 18.11.2015.

6 CF 2014, Texto-

denunciando-as sem hesitação e demora ao Poder Público. A vida de tantos jovens da Amazônia e do Brasil é destruída precocemente por criminosos a serviço de agências nacionais e internacionais do tráfico humano. Somos todos chamados a resistir “à globalização da indiferença”, de que o Papa Francisco falou em Lampedusa-Itália, na sua primeira viagem apostólica poucos meses depois de ser eleito Papa.<sup>10</sup> O Papa foi àquela ilha para pedir um “despertar das consciências” e chorar os mortos que ninguém chora,<sup>11</sup> os naufragos das tentativas de passar da África para a Europa em busca de melhores condições de vida ou fugindo da perseguição e guerra. Quantos seres humanos mortos que ninguém chora já produziram também e continuam produ-



zindo os agentes do tráfico humano! Quantas jovens atravessaram o Oceano Atlântico aliciadas por criminosos. Vidas naufragadas! Vejo diante de mim a foto de uma adolescente em cárcere privado, forçada a prostituir-se. Nas palmas de suas mãos, lemos o grito de seu desespero: “Help me” [Socorro]!

Um exemplo de como “usar de misericórdia” para enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes é dado pelas congregações religiosas reunidas na Rede Um Grito Pela Vida. Lançaram no estado do Amazonas uma cartilha, “O sumiço de Carolina”, com informações sobre aliciamento e prevenção contra o tráfico de pessoas e exploração sexual.<sup>12</sup>

Usar de misericórdia com os povos indígenas ameaçados em sua sobrevivência física e cultural

Verdadeiras campanhas anti-indígenas se alastram pelo país. Há uma bancada numerosa no Congresso Nacional que pretende alterar a própria Constituição Federal para legalizar um golpe mortal no coração dos índios. Querem fazer depender de uma votação no Congresso se uma área

10 O Papa visitou, em 8 de julho de 2013, a ilha que serve de porto de abrigo a milhares de imigrantes. Na sua homilia na Santa Missa pelas vítimas dos naufrágios disse: “A cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!”.

11 Ibidem: “Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de ‘padecer com’: a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar!”.

12 Disponível em: <<http://traco-depessoas.org/site/2015/07/30/0-sumico-de-carolina-lancada-cartilha-sobre-traco-de-pessoas-e-a-exploracao-sexual/#sthash.M4cPj4LT.dpuf>>.

deve ser declarada indígena ou não. Os integrantes desta, lamentavelmente, numerosa bancada anti-indígena querem alterar os parâmetros constitucionais. Se a Proposta de Emenda Constitucional – PEC 215/2000, que propõe transferir do Poder Executivo para o Congresso Nacional a demarcação e homologação de terras indígenas e quilombolas, além de rever os territórios com processo fundiário e antropológico encerrado e publicado – for vitoriosa, isso equivaleria a uma volta aos tempos das Constituições anteriores à atual, que determinaram a pura e simples “incorporação dos silvícolas à comunhão nacional”,<sup>13</sup> ignorando suas culturas e seu modo de viver. Uma vez “incorporados”, logicamente, perdem o direito à posse comunitária de seus territórios ancestrais.

Os índios são sempre de novo acusados de serem “entraves” para o progresso. “Já que não produzem, por que insistem em ocupar terras férteis e repletas de riquezas naturais”, são os comentários repetidos até a exaustão. Condenam os descendentes dos primeiros habitantes do continente à morte, negando-lhes os mais elementares direitos humanos, expulsando-os de suas terras. E os inimigos dos indígenas não param por aí. Querem condenar também a quem os defende criando CPIs com a pretensão de provar que o Cimi “incita” os guarani-kaiowá a voltarem às terras que habitavam e de que foram sumariamente expulsos. É a mais vergonhosa inversão de valores que atualmente acontece em nosso país: em vez de cumprir o que determina a Constituição Federal de 1988, cria-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito contra quem há décadas exige nada mais do que o cumprimento da Carta Magna do país.

A missão misericordiosa da Igreja e de cada um de nós em relação aos povos indígenas se concretiza na defesa intransigente da atual Constituição Federal. A Igreja é chamada a viver sua missão com os povos indígenas como “serviço”, “proximidade”, “encontro”, mas também como “tarefa crítica e profética”.<sup>14</sup>

Convém lembrar o que o Papa escreve na sua Encíclica *Laudato Si'*:

13 A Constituição de 1934 determina, no Art. 5º, alínea XIX, letra “m”: “competem privativamente à União legislar sobre a incorporação dos silvícolas à comunhão nacional”. A Constituição de 1946 repete o enunciado da Constituição de 1934 sobre a incorporação: “Art. 5º: Compete à União: XV – legislar sobre r) incorporação dos silvícolas à comunhão nacional”. A Constituição da Ditadura Militar, que entrou em vigor em 15 de março de 1967, reza no Art. 8º: “Compete à União: XVII – legislar sobre: o) nacionalidade, cidadania e naturalização; incorporação dos silvícolas à comunhão nacional”.

14 Cf. Plano de Pastoral do Cimi, 3. ed., Prefácio, 01.10.2013.

É indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuidam (LS 146).

### Usar de misericórdia com o meio ambiente, “nossa casa comum”

A Amazônia cobre 49% do território nacional brasileiro. Do tempo em que vieram os portugueses em meados do século XVI até 1970, o desmatamento não passava de 1% de toda a floresta. Nas últimas décadas, porém, em apenas 45 anos, mais de 20% da floresta da Amazônia brasileira tombou.<sup>15</sup>

Vivo na Amazônia há 50 anos. Assim pude acompanhar de perto a destruição desse macrobioma ocorrida em meio século. Sem falar do desmatamento sem precedentes no contexto da construção da Transamazônica; o que aconteceu em poucos anos na parte sul da Prelazia do Xingu é simplesmente de pasmar. Estive pela primeira vez no município de São Félix do Xingu em 1967. Sobrevoando naquele tempo a região, só se via selva e água e as minúsculas clareiras da sede do município e das aldeias indígenas do povo Kayapó. As florestas tropicais se perdiam no horizonte e o emaranhado de rios caudalosos e igarapés compunham uma paisagem paradisíaca. Jamais esqueço o impacto deste mundo de todas as nuances e tonalidades de verde do qual emergiram os ipês em amarelo, lilás ou dourados. Em menos de meio século, quase nada restou da paisagem deslumbrante. O paraíso foi arrasado, a biodiversidade em grande parte destruída, a terra desnudada.

<sup>15</sup> Isso equivale a uma superfície superior à dos estados Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo juntos.

Agora, graças a Deus, pela primeira vez na história da Igreja um Papa dedica uma Encíclica à questão do meio ambiente. Já na introdução da *Laudato Si'*, o Papa Francisco faz um apelo e pede misericórdia para com a criação: “entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que ‘geme e sofre as dores do parto’ (Rm 8,22)” (LS 2). Ele se refere explicitamente à Amazônia. A ideia de que Deus não concedeu aos homens um poder absoluto sobre a criação, uma espécie de alvará para agredir e explorar a natureza. A tradução de Gn 1,28 com “dominar a terra” é equivocada e deu origem a interpretações distorcidas. O texto original em hebraico, traduzido ao pé da letra como “colocar o pé sobre a terra”, quer explicitar que Deus confiou toda a criação à responsabilidade humana para ser cuidada, zelada, protegida. O Papa insiste que Deus deu um preceito de “cultivar e guardar” a terra, como aliás menciona Gn 2,15: “O Senhor tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e guardar” (cf. LS 66).

O Papa Francisco quer e apoia o nosso engajamento na luta contra a exploração inescrupulosa e a destruição da Amazônia, e em defesa dos povos que habitam este macrobioma:

É louvável a tarefa de organismos internacionais e organizações da sociedade civil que sensibilizam as populações e colaboram de forma crítica, inclusive utilizando legítimos mecanismos de pressão, para que cada governo cumpra o dever próprio e não delegável de preservar o meio ambiente e os recursos naturais do seu país, sem se vender a espúrios interesses locais ou internacionais (LS 38).

### Conclusão

O mestre da lei na história do Bom Samaritano respondeu corretamente à pergunta de Jesus: “Qual dos três, na tua opinião, tornou-se próximo daquele que caiu nas mãos dos

assaltantes?”. “Aquele que usou de misericórdia para com ele!” Jesus só arrematou: “Então vai e faz tu o mesmo!”.

“Qual é a tua, irmão?!” – “Qual é a tua, irmã?!”

Que resposta daremos?

*Erwin Kräutler, Bispo do Xingu*  
Altamira, Uruará e Placas na Transamazônica,  
12 de dezembro de 2015,  
Festa de Nossa Senhora de Guadalupe

## Mártires e confessores da VRC a caminho dos altares

Prova de amor maior não há  
que doar a vida pelos irmãos  
(cf. Jo 15,13)

O dia 2 de fevereiro de 1938, em Garibaldi, RS, foi um dia memorável para Salvador Molinari e Cecília Comunello Molinari, pois o casal foi agraciado com o nascimento de uma menina, que na pia batismal recebeu o nome de Lourdes Molinari. Filha de pais agricultores que conheceram as agruras da vida e a difícil labuta de cultivar a terra, para dela extrair o alimento para a sobrevivência da numerosa família de 11 lhos.

A família Molinari buscou cultivar profundamente os valores cristãos. Nesse clima de fé, a pequenina Lourdes e seus irmãos foram crescendo e, influenciados pelo testemunho dos pais, participavam ativamente da vida da comunidade eclesial. Assim, todos os lhos receberam os sacramentos da iniciação cristã.

Em busca de melhores condições de vida e com a preocupação de prover o sustento para os lhos, a família de Salvador e Cecília Molinari mudou-se de Garibaldi para o município de Sarandi, RS, no ano de 1942, e para Palmeira das Missões, RS, em 1947.

Lourdes foi crescendo e tornou-se jovem, e, mesmo sem o saber, a semente da vocação foi germinando e se desenvolvendo. Certo dia teve a graça de conhecer as Filhas do Amor Divino, que trabalhavam em Palmeira das Missões. A partir de então, com seriedade buscou auscultar a voz de Deus e realizou seu discernimento vocacional, respondendo ao chamado de Deus. Eis que no dia 20 de janeiro de 1956 deixou sua casa paterna e iniciou sua caminhada formativa na Congregação das Filhas do Amor, no Convento Nossa Senhora da Anunciação, em Cerro Largo, RS.

Tendo feito um curto período de Aspirantado, foi admitida ao Postulantado e, posteriormente, ao Noviciado, quando recebeu o nome de Irmã M. Adelaide. Ainda muito jovem, aos 21 anos de idade, emitiu os Primeiros Votos, consagrando-se totalmente a Deus. Era uma pessoa simples e um tanto tímida, mas na prática buscou revelar o infinito amor de Deus no mundo, carisma próprio das Filhas do Amor Divino. Em sua missão revelou grande amor, dedicação e compromisso com os pobres, marginalizados e doentes.

A missão em diferentes comunidades e os anos da prática de caridade lhe foram abrindo horizontes e perspectivas para, voluntária e alegremente, assumir o risco de carregar sobre os ombros uma cruz missionária, indo à frente, por estreitas e desconhecidas veredas. Assim, prontificou-se para integrar a primeira comunidade religiosa de Filhas do Amor Divino, a serviço do projeto Igrejas-Irmãs entre Santo Ângelo, RS, e Marabá, PA.

Dotada de um ardoroso coração missionário, expressou-se:

*Sempre tive um grande desejo de trabalhar com os pobres e necessitados. Com a carta de Dom Alano Maria Pena, senti mais de perto o chamado de Cristo e me ofereci para ser presença fraterna nessa Igreja-Irmã de Marabá. Aqui estou com entusiasmo, alegria e amor junto a este povo.*

Desde a data de 16 de março de 1983, Irmã M. Adelaide acolheu, em seu generoso coração, o povo de Eldorado dos Carajás, PA, local onde derramou seu sangue aos 14 de abril de 1985, data que correspondia ao segundo domingo da Páscoa.

Como de costume, também neste domingo, às 6 horas, as Irmãs se encaminharam para as comunidades eclesiais. Irmã M. Adelaide despediu-se das Irmãs de sua Comunidade e se dirigiu a Eldorado dos Carajás, PA, para celebrar com o povo que tanto amou. Tendo passado o domingo nesse local, ao entardecer, retornou ao terminal rodoviário e, após a missão cumprida, solicitou passagem para regressar a Curionópolis,

PA, onde se encontraria com as demais Irmãs de cuja comunidade era coordenadora. Só que, em oportunidade tão corriqueira, esperava-a o mais traiçoeiro gesto humano: o assassinato. Um tiro lhe atingiu a principal artéria no pescoço, por onde derramou, como Jesus Cristo, todo o seu sangue.

Irmã M. Adelaide foi uma grande defensora da vida e da terra. Ela sempre defendeu a paz, mas a agressão brutal lhe cortou a vida. Radicalmente era contra a violência e lutava por mais vida; no entanto, foi ferida pelo mais cruel ato humano. Não teve tempo para falar nem se defender, mas hoje multidões reconhecem o seu nobre ato de amor e doação, e em uníssono cantam: “Prova de amor maior não há do que doar a vida pelo irmão”.

O sangue desta Irmã, derramado em terras paraenses, uniu-se ao sangue de tantos outros que, a partir de Jesus Cristo, já tomaram na luta para que o direito do pobre seja respeitado. Todo esse sangue que rega a nossa terra há de fecundar este chão para fazer brotar a justiça, a paz e a fraternidade.

A última oração que Irmã M. Adelaide rezou na comunidade, em Eldorado do Carajás, PA, com o povo, antes de seu martírio, continua uma prece viva até hoje:

*Escuta, ó Pai, a nossa prece. Teu Filho Jesus venceu a morte e continua vivo no meio das Comunidades Cristãs. Que também nós possamos ser fortes como Ele. Que ninguém fuja da luta, nem mesmo com ameaça de morte. Que saibamos cuidar atentos às necessidades da Comunidade. Que de hoje em diante ninguém mais fique desamparado. Alimenta, ó Pai, a nossa fé, para que não te neguemos em nossa ação. Por Jesus Cristo, teu Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém (Pe. Paulo Joanil da Silva e equipe).*

Passados trinta anos da morte de Irmã M. Adelaide, o povo continua celebrando a memória de seu martírio com uma caminhada desde o local do assassinato, Eldorado dos Carajás, PA, até a sua sepultura, em Curionópolis, PA, num trajeto de 28 km. Essa memória é celebrada, todos os anos, no segundo domingo da Páscoa, com muita fé e devoção,

pelas Filhas do Amor Divino e por centenas de pessoas. A frase bíblica que se tornou expressão da vida, da vocação, da missão e do martírio de Irmã M. Adelaide continua ecoando: *Prova de amor maior não há que doar a vida pelos irmãos* (cf. Jo 15,13).

Santa Maria, 01.12.2015.

*Irmã Dulce Bach Deves, FDC*

O tema da educação dos filhos assume importância cada vez mais premente no mundo de hoje, porque o patrimônio de maior valorização na sociedade é a nova geração de jovens que vão gerenciar as empresas e orientar as políticas em nível nacional e internacional. Ora, a base de formação é o ensino das escolas e a tutoria dos pais orientando os filhos. O segredo do sucesso é utilizar o dom da partilha entre educadores e educar com a mediação da ajuda de Deus. Novas perspectivas nunca dantes vislumbradas se abrem, inspirando a criatividade em iniciativas corajosas com a garantia de bom êxito. Colaboradores dedignos serão recrutados entre os irmãos na fé, com a certeza de estarem contribuindo para uma cultura que vai perdurar por várias gerações.

### Introdução

A Igreja valoriza a tarefa da educação dos filhos como prioridade insubstituível da família e do Estado. O investimento no setor educacional implica a formação de mestres de ensino, recebendo dos pais de família o encargo de formação dentro dos parâmetros da cultura humanística em vigor no país. Quem se exime da obrigação de entregar os

filhos à tutela do Estado e da Igreja são a etnia dos ciganos, que alegam ter um privilégio desde antanho de poder educar seus filhos segundo a tradição e o costume próprios, sem a ingerência do Estado. Isto com base no privilégio de isenção das obrigações sociais do Estado por serem um grupo nômade e alheio ao ônus da cidadania de qualquer país que os hospeda. Além disso, eles se eximem dos laços de pertença a uma comunidade de fé que vincula os associados

e a uma vivência de solidariedade religiosa que os integre numa união mais ampla do que em mero reduto social dos correligionários com laços a ns e interesses iguais. Somente pela vinculação com a comunidade de féis que professam a adesão a Deus e a celebram na liturgia é que o indivíduo se dá conta de sua vocação à vida em união com os irmãos na fé, que têm o ideal orientado para a valorização da vida em comunidade, com o objetivo de realizar a própria salvação e a dos coirmãos.

### Ensino da fé na escola

No elenco das matérias de ensino consta a disciplina da religião cristã, porque se trata de transmitir aos alunos os princípios do cristianismo. Consiste não apenas em estudar os elementos da civilização ocidental, e, sim, em levar à vivência da cultura cristã. Por meio da assimilação do conteúdo temático é que os alunos aprendem a inserir valores no conjunto do projeto interdisciplinar e adquirem critérios que os ajudam a sensibilizar e conscientizar-se acerca da importância e do “valor” da vida em sua totalidade. E precisamente a partir da reflexão sobre os trâmites que levam a focar a totalidade é que se vislumbra cada vez mais o imperativo *sine qua non* de ir ao encontro de Deus não de forma segmentada, mas de maneira cada vez mais explícita e vivencial. O que realmente importa é ultrapassar decisivamente a visão reducionista do humanismo secularizante, a fim de inserir no projeto educacional uma dinâmica que nos faz perceber a necessidade de despertar na alma uma perspicácia da presença atuante de Deus nos vários setores da vida humana e no contexto dos diversos povos.

### O aprendizado para além da sala de aula

Uma inovação no uso de modernas técnicas de ensino veio enriquecer de maneira espantosa a presença e participação dos pais na educação dos filhos. São as ferramentas digitais que os alunos têm em mãos e que eles usam para

se comunicar uns com os outros, com os professores e com os pais. É importante notar que o assunto da mútua troca de ideias ultrapassa mera conversa de passatempo, porque as informações apresentam abordagens do ensino das matérias de aula. Quando o leitor vai interagindo, seja ao parafrasear o texto, seja ao criar novas conexões ou ao explicitar para si mesmo a relevância do sentido, utilizando *smartphones, iphones, tablets* e outros meios de interação como *moodle*, entram em jogo *on-line* procedimentos com novas tecnologias. Com efeito, à medida que alunos e professores estão interagindo com os recursos do *twitter, whatsapp, facebook* e *blogs*, acessíveis aos educandos e aos educadores, o espaço de interação educativo vai-se ampliando para ambientes não meramente escolares, mas também para os setores extraclasses, onde os pais têm livre acesso e podem exercer o papel de “tutoria” na aprendizagem dos filhos. Nesses ambientes surgem novas modalidades de atualizar os conteúdos didáticos no contato com os pais, que participam não como meros observadores, mas como “moderadores”.

### O papel da tutoria

A tarefa da tutoria na aprendizagem dos filhos é primordial a qualquer outro processo de desenvolvimento humano, tanto assim que os pais têm o dever de escolher os educadores de acordo com as suas preferências, por auxiliares que sejam formadores dos filhos. São eles que os auxiliam na tarefa educacional em cada faixa etária, desde a infância até a adolescência, imprimindo traços esmerados no caráter e mostrando às almas juvenis como se evitam impulsos nocivos, instigados por temperamentos antissociais.

Os vínculos afetivos entre pais e filhos vão-se fortalecendo para além do estágio inicial de gestos de amabilidade, pelo fato de consistirem numa base comum de *amizade com Deus*. Quando os filhos percebem os *laços de dependência* dos pais na fé em Deus e partilham com os filhos a estima por ele, cria-se na alma humana a “fé-experiência” de maneira mais marcante, jamais imaginada e de caráter indelével

como nenhuma outra lembrança da infância. Com efeito, da união entre “fé-experiência” e “fé-prática” resulta a convicção da presença de Deus na comunidade dos fiéis na vida pessoal e no trabalho. Talvez aqui resida o problema do relacionamento entre pais e filhos, quando enfraquecem os laços de amizade e de mútua pertença entre eles, porque não cultivam os vínculos do amor a Deus. Além disso, a maneira de valorizar os laços de união com Deus faz com que se demonstrem desde cedo aquelas atitudes *cheias de graça* em contraste com as atitudes de petulância e arrogância que adolescentes manifestam numa sociedade exibicionista. Aliás, é bastante comum algumas jovens adotarem tal comportamento a fim de causar uma impressão favorável nos futuros pretendentes ao casamento, sem se darem conta de que assim não se ajustam à convivência em família e, sim, serão as primeiras a serem deixadas no olho da rua, como descartadas pelos maridos. Para eliminar o senso de “sucata ou refugo” na mentalidade dos casais separados ou divorciados e para erradicar o estigma de “mercadoria danificada”, não convém entrar na onda da “terceirização” do matrimônio, porque o objetivo na vida da Igreja é reintegrar plenamente os irmãos na fé cristã, seguindo o caminho do perdão e da reconciliação.<sup>1</sup> Sinal dessa reintegração é o esforço de manifestar maior fervor religioso na prática da fé, na vida familiar, na educação dos filhos e na colaboração em alguma atividade pastoral.

## Fé com religião

As convicções pessoais que afetam valores sobrenaturais são patrimônio comum entre os fiéis da religião cristã e dons divinos que as comunidades de fé partilham entre si. A razão é que essas convicções não se reduzem ao âmbito gnosiológico, mas são de caráter soteriológico e de mediação divina.<sup>2</sup> Em outras palavras, existe sempre uma dimensão de alcance muito maior que a alma humana não controla, porque afeta todas as pessoas da convivência social para se beneficiarem dos dons divinos que dali irradiam para o

1 Cf. o “Sínodo – Matrimônio e misericórdia”, em J. A. Besen, *Com Francisco, viver a Misericórdia: subsídios para o Encontro de Formação para o Clero*. Arquidiocese de Florianópolis, maio de 2015, 164 p., esp. 147-150.

2 O termo “soteriológico” é de uso restrito à área teológica e se define como “salvífico” no âmbito da aplicação religiosa.

meio ambiente; nisto consiste, podemos dizer, a “ecologia espiritual”. Daí, não é o indivíduo que tem a última palavra no diálogo, e, sim, a pessoa que está encarregada de atuar como portadora de uma mensagem que Deus quer transmitir no diálogo entre pai e filho, entre educadores e educandos, entre os fiéis e a sociedade secularizada. A tendência da sociedade atual é professar a *fé sem religião*, como prática religiosa meramente esporádica e alheia a qualquer senso de solidariedade com pessoas necessitadas. São o tipo de indivíduos que dispensam o auxílio de Deus e, por isso, privam os mais necessitados da ajuda que lhes recusam por total indiferença. Além disso, nem se interessam pela meta de sua vida rumo ao céu, ignorando que só haverão de consegui-lo através da mediação de Jesus Cristo, como Mediador divino, e de mãos dadas com os fiéis que rezam por eles. Ora, quem estiver totalmente desligado de uma prática religiosa, terá pouca chance de enveredar no caminho certo para o céu.

## Cultura religiosa

A adesão à fé nunca é um devaneio ou um *hobby* de interesse privativo e/ou mero prurido de empatia por um ideal. Antes de tudo, trata-se de uma dádiva divina entregue nas mãos da humanidade, para que em partilha benéfica progressivamente todas as faixas etárias, enriquecendo-as com o legado da fé que pela tradição lhes foi transmitido. Aí é que a fé na ressurreição se vivencia de maneira mais lídima e nos permite encontrar energia, uma força interior, para mudar nossos comportamentos. A grandeza que incentiva, levando-nos a transcender situações marcadas por deficiências, é a perspectiva de sermos escolhidos para providenciar de mão beijada um mundo de melhor qualidade para as novas gerações que ainda não vimos, mas que nos vão agradecer por tudo o que fizermos por elas.

É importante notar que a vivência da fé envolve comunidades eclesiais, que integram grupos de jovens e adolescentes, com o respaldo de suas famílias. Esses são muito



246

apreciados porque representam as camadas da sociedade que não sucumbiram aos aliciamentos do mundo das drogas e se tornarão os artesãos dos grupos de vida de pessoas que sabem conviver com os que querem recuperar suas próprias crenças para realizar, com o próprio empenho e a ajuda divina, o sonho de uma sociedade feliz aqui na terra, antecedendo sua consumação no céu. Celebrar a fé é cultuar a pessoa de Cristo, engajando-se na colaboração com a obra da redenção. Seu objetivo é assumir a missão de serem portadores das graças e bênçãos divinas para suprir as lacunas que o indiferentismo religioso e a descrença deixaram escancaradas no corpo social. Quem percebe quanta dor tantas pessoas estão passando e toma medidas concretas para socorrê-las, tem a garantia do Cristo Salvador, que intervém para curar a enfermidade até que o corpo todo se transfigure.

Em situações de crise como hoje, ao enfrentarmos o temor causado pelas calamidades iniciadas pelos terroristas das irmandades islâmicas com o objetivo de acabar com a civilização ocidental e a cultura cristã, percebemos não poder sermos indiferentes. Por isso, não nos resta alternativa a não ser agarrar a cruz do Cristo Crucificado, que lança o olhar em direção do Oriente, do Ocidente, do Norte e do Sul, e nos inspira a prece e o empenho de recuperar a paz.

### Conclusão

Quem acompanha mais de perto a missão dos pais na educação dos filhos, tanto nas escolas públicas como nas particulares, não pode deixar de se impressionar com a assiduidade dos educadores em dar o melhor de si para o bem dos filhos. Educar é abrir às crianças as portas do mundo do trabalho, da indústria, do comércio, da cultura, do esporte, da política etc. É por meio dessas atividades que a criança vai crescendo para o mundo que está para acolhê-la, no meio da vivência humana e sob o olhar de Deus. Quando a educação se consolidar mais e mais na alma juvenil, orientando-a para assumir seu papel no meio da vida dos adultos, enfrentar-se-ão melhor os desafios para ocupar um lugar ao sol,

junto com os outros, dando-se mutuamente o apoio que a fé em Deus lhes inspira. Desde cedo surge a convicção, em sua alma infantil, de que está convidada a colaborar junto com Deus na construção da vida, dentro das condições concretas de seu convívio com os irmãos na fé.

*Luis Stadelmann, SJ\**

247

\* **Luis Stadelmann** é licenciado em Teologia pela Jesuit School of Theology, de Chicago, USA. Doutor em Línguas e Literaturas Semíticas pelo Hebrew Union College, de Cincinnati, USA. Licenciado em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Professor de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em BH.

## O Papa “que veio de longe”: da *Laudato Si'* ao Ano da Misericórdia

Rumo a uma nova espiritualidade

NICOLAU JOÃO BAKKER, SVD\*

### Introdução

A Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, merece muito mais do que apenas uma leitura superficial. Trata-se de uma das mais belas joias da literatura cristã dos últimos tempos. Podemos encontrar nela não somente a continuação de uma nova antropologia,<sup>1</sup> agora carinhosamente acolhida pela Igreja, mas também uma nova espiritualidade. Quando nos arriscamos a falar em uma “nova” espiritualidade, não queremos afirmar que ela simplesmente vem substituir uma antiga. Devemos pensar muito mais numa nova “Ihã” que nasce na grande família das espiritualidades cristãs. Uma Ihã que vem com personalidade própria, alegrando todos os demais membros da família.

Ao assumir seu pontificado, o Papa disse que “veio de longe”. Seguramente estava ciente de trazer algo novo para a Igreja, diferente da postura tradicional dos últimos papas, muito focados na correta doutrina. O foco principal do Papa Francisco – a escolha do nome já diz muito – não está primeiramente na doutrina, mas na prática correta da vida cristã. Ao fazer de 2016 o “Ano Jubilar da Misericórdia”, o atual sucessor de Pedro indica – juntamente com a *Laudato Si'* – onde está a sua grande preocupação: a Igreja deve ir ao encontro do próximo (e de todos os seres vivos da Criação) não com a postura rígida de Simão, o fariseu (Lc 7,36-50), mas com a atitude misericordiosa de Jesus que acolhe, a quem quer que seja, com palavras de conforto, compreensão e esperança. Simplesmente porque, para Jesus, Deus é assim. Vejamos tudo isso mais de perto na “meditação” que segue.

\* Pe. Nicolau João Bakker é missionário do Verbo Divino (SVD), sacerdote formado em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais. Atuou sempre na Pastoral Prática, Rural e Urbana. Representa, atualmente, a CRB no Conselho Estadual de Proteção a Testemunhas (Pro-vita/SP) e atua na Pastoral Paroquial de Diadema/SP. Além de cartilhas populares, publicou diversos artigos nas revistas *REB*, *Vida Pastoral*, *Verbum*, *Convergência* e *Grande Sinal*. **Endereço do autor:** Rua Juruá, 798, Jd. Paineiras, CEP 09932-220, Diadema, SP. **E-mail:** <nijlbakker@hotmail.com>.

<sup>1</sup> Cf. artigo a ser publicado na *REB*, no primeiro semestre de 2016.

### A novidade do Mestre de Nazaré: bem-aventurados os misericordiosos!

Nas últimas décadas, tanto os teólogos como também os biblistas têm insistido na necessidade de partir da concreta humanidade de Jesus, se quisermos captar com maior fidelidade a sua mensagem. É impossível compreender Jesus sem compreender melhor o contexto histórico em que ele viveu. Em especial o contexto espiritual, pois é a partir deste que surgirá a originalidade da pessoa de Jesus. Existe uma pequena dificuldade no fato de os quatro Evangelhos, mais do que oferecerem um retrato do Jesus real, nos apresentarem um retrato de como as primeiras gerações cristãs interpretaram a pessoa de Jesus. Há um quase consenso de que Jesus nunca atribuiu a si mesmo o título, digamos, “o Filho de Deus”, ou Messias. Apenas após a ressurreição esta convicção se sedimenta cada vez mais na consciência dos seus discípulos seguidores (com destaque especial para algumas discípulas!). Algo como ocorreu também com nossos/as grandes santos/as, ou mártires. Não foram eles ou elas que se imaginaram daquela forma. Nós os/as vemos assim. O Jesus real da Galileia tinha que optar entre as diferentes vertentes espirituais de sua época. Não eram poucas nem pequenas as diferenças.

Parece haver forte probabilidade de Jesus ter feito parte dos discípulos de João Batista. A vertente espiritual que este pregador do deserto representava não deve ter sido pequena. “Multidões” iam ouvi-lo, até das regiões mais distantes, diz Lucas (3,7-10). Ainda assim, com o passar do tempo, Jesus parece ter tomado distância do grupo. Outra vertente espiritual significativa no tempo de Jesus era a dos monges de Qumran, os essênios. Não há indicação de Jesus ter pertencido a eles. Também não optou pela espiritualidade mais guerreira dos zelotes. Nem no momento de sua prisão Jesus quis apelar às armas ou à violência. Mandou guardar a espada na bainha (Mt 26,52). Muito menos Jesus buscou proximidade com a espiritualidade e modo de pensar dos saduceus, ou da casta sacerdotal. Jesus parece ter pressentido

que era essa vertente espiritual-teológica, muito subserviente a Roma e corrompida pelo apego ao poder e ao dinheiro, que iria levá-lo à morte. É mais provável que Jesus – apesar das fortes resistências relatadas pela comunidade de Mateus – tenha tido alguma proximidade com a espiritualidade dos fariseus, judeus muito religiosos e bem presentes no meio popular, tomando, no entanto, grande distância quanto ao legalismo dos mesmos, fundamentado mais nas tradições orais do que nos mandamentos originais da Torá. O judeu Geza Vermes, na opinião de Eduardo Hoornaert, “um dos maiores especialistas sobre o movimento de Jesus na ótica dos judeus”, encontra em Jesus, fortemente, a espiritualidade dos “hassides”. Estes constituíam o grupo religioso judaico que apoiou a revolta dos Macabeus (168-142 a.C.) contra a helenização, que também deu origem aos grupos dos fariseus e dos essênios. Os hassides, muito populares, eram tidos como milagreiros, santos, dedicados com seus semelhantes. O povo os comparava com Abraão, Moisés, Elias, Davi e Jeremias, como fizeram com Jesus. Para Vermes, Jesus pode ser considerado o maior não somente dos hassides, mas também do povo judeu.<sup>2</sup>

Talvez nunca saibamos com precisão como Jesus se sentia diante de Deus. Aspectos das diferentes espiritualidades parecem estar presentes na sua personalidade, algo também comum às pessoas da Vida Religiosa Consagrada e aos cristãos de modo geral. Mas há um aspecto que distingue Jesus de todas as vertentes mencionadas: Deus, para Jesus, é, antes de tudo, Pai, e um Pai misericordioso, sem limites. A concepção de Deus como um Pai (ou uma Mãe) amoroso/a, não está ausente da tradição religiosa do povo de Israel, mas o judaísmo do pós-exílio deixou de cultivar o desabrochar desta tradição. Voltando da Babilônia, os judeus se encontram sem terra, sem Templo e sem Lei (escrita). Os estrangeiros e os inícuos estão por toda parte. Para recuperar sua identidade, os “retos de coração” se agarram à Lei (reencontrada). Aos poucos surge uma nova cultura religiosa, muita centrada na estrita observância desta Lei e na atitude obcecada de manter a “pureza” dos costumes judaicos em meio a uma

<sup>2</sup> Cf. G. Vermes, *The changing faces of Jesus*, Record, Rio de Janeiro, 2000.

imaginária impureza generalizada dentro e fora da terra de Israel. Os fariseus se tornaram símbolos desta preservação dos bons costumes, e eles mesmos se consideravam puros diante de Deus. Jesus, com firmeza, se opõe a essa espiritualidade legalista, presunçosa e rigorosa. A impureza, para Jesus, ou vem do coração ou ela simplesmente não existe (Lc 11,38-40). Grande parte da população, por pobreza, desconhecimento ou impossibilidade concreta, não tinha nem sequer a possibilidade de cumprir tudo que estava prescrito. Jesus se rebelava contra esta postura farisaica porque era apaixonado por um outro Deus, o Deus de Misericórdia, o mesmo Deus que fez Aliança com os escravizados do Egito, o Deus que, como afirmavam Isaías e outros profetas, veio trazer o “Ano das Graças” para todos os espoliados da terra (Lc 4,18-19). E se Deus Pai é assim, todos os seus filhos devem ser assim também. O evangelista que melhor retrata Jesus quanto a esta particularidade é Lucas, às vezes chamado “o evangelista da misericórdia divina”.

Olhemos este retrato de Lucas um pouco mais de perto: Maria anuncia a vinda do Deus da Misericórdia (1,46-55); Zacarias faz o mesmo (1,67-79); Jesus, em nome do Deus da Misericórdia – contrariando gravemente as regras judaicas –, “toca” no leproso e o “purifica” (5,12-15); em nome do mesmo Deus, Jesus vem não para os justos, mas para os pecadores (5,29-32); são bem-aventurados os pobres, os famintos, os que choram, os odiados, rejeitados e insultados (6,20-22); Deus é misericordioso até com os inimigos, os ingratos e os maus (6,27-35); por isso todos devem ser misericordiosos como o Pai é misericordioso (6,36), e o discípulo perfeito deve ser como o Mestre (6,40); João Batista deve saber que o Reino de Deus (o Reino da Misericórdia) chegou porque “o Evangelho é anunciado aos pobres” (7,22); Jesus distribui pão à multidão faminta “elevando os olhos para o céu” (9,12-17); todos se maravilham com a “grandeza (da misericórdia) de Deus”, quando Jesus – “ao descender do monte” – cura o endemoninhado epilético (9,37-43); Jesus é misericordioso até com os intolerantes samaritanos (9,54); no julgamento haverá mais “tolerância” para os de

fora (Tiro e Sidônia) do que para os próprios moradores de Cafarnaum (10,13-15); o Deus de Jesus é o Deus dos pequeninos (10,21) e do samaritano desprezado, aquele “que usou de misericórdia” (10,37); Deus é como o pai que sempre dá o melhor ao Filho (11,13); na opinião de Jesus, no coração de Deus há um lugarzinho até para os pardais sobre o telhado (12,6), para as aves do céu (12,24) e para os lírios do campo (12,27-28); quanto mais o Pai então sabe das “vossas necessidades”, pois é da misericórdia do Pai que virá o Reino (12,29-32); uma “multidão inteira” se alegra porque o Deus de Jesus, embora em dia de sábado, curou a mulher encurvada (13,17); sim, no Reino de Deus, os últimos serão os primeiros! (13,30), e serão os pobres e os estropeados que participarão do banquete do Reino (14,21); o capítulo 15 é, por inteiro, dedicado à misericórdia de Deus (parábolas da ovelha perdida, da dracma perdida e do Filho perdido); o Deus de Jesus faz justiça à viúva “muito em breve” (18,8); o publicano é perdoado, o fariseu não (18,14); o Filho do Homem veio salvar “o que estava perdido” (19,10); o Deus de Jesus o faz perdoar até os que, ignorantemente, o crucificaram (23,34), e oferecer o paraíso ao criminoso que se rende à fé (23,43); Jesus morre sem entender, mas confiando na misericórdia do Pai celestial em cujas mãos entrega seu espírito (23,46); seus discípulos o reconhecerão presente cada vez que ocorrer a partilha do pão (24,31). Porque Deus, nosso Deus, é um Deus de misericórdia. É esta a mensagem do Evangelho de Lucas.

### *Laudato Si'*: a Misericórdia sem limites se estende a toda a criação

Voltemos a nossa atenção agora à Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco. Sob o ponto de vista de espiritualidade, qual a novidade? Bem, para a ciência em geral o Papa não traz grande novidade, mas para a Igreja a linguagem e o modo de entender que o Papa adota representam um grande avanço. Em que sentido? Tradicionalmente, a Misericórdia de Deus (e a espiritualidade dos cristãos) se dirigia quase que

com exclusividade ao próximo, ao ser humano que sofre, ou que se encontra em situação de pobreza, exclusão ou marginalização. Na Encíclica, porém, o Papa – na esteira de São Francisco! – lembra a todos nós que o ser humano não pode ser visto como isolado dos demais seres vivos da Criação. Começa a impor-se, lentamente, a nova cosmovisão ecológica da qual tratamos em outras oportunidades.<sup>4</sup> Como seres conscientes, temos uma responsabilidade maior, mas partilhamos com todos os seres vivos uma origem e destino comuns (202). Somos feitos da mesma estopa, somos todos “terra”, diz o Papa (2).

Durante muitos séculos, afastada das ciências da vida, a Igreja imaginou a alma humana como muito diferente, digamos, da alma das plantas ou dos animais. Uma alma inteiramente “superior”, colocada por Deus dentro do corpo no momento da concepção. O Papa não tira nada da vocação específica e única do ser humano, mas não usa mais esta linguagem tradicional. *Laudato Si'* talvez seja o primeiro documento explícito da Igreja onde uma nova linguagem surge a partir de uma nova concepção sobre o ser humano. Um ser humano não “acima” dos outros seres, mas “irmão” com eles, “irmão” e “irmã” até da criatura mais humilde da terra, como já dizia São Francisco. Que nova e primorosa espiritualidade poderá surgir a partir deste novo modo de ver! A ideia de uma alma imortal, separada do corpo, não veio de Jesus, mas dos antigos filósofos gregos. Também alguns filósofos da Modernidade aprofundaram, a seu modo, esta mesma visão e surgiu assim uma cultura religiosa muito centrada na salvação da alma. Os judeus do tempo de Jesus não conheciam este modo de pensar. Jesus não quis salvar almas, mas pessoas inteiras. O Reino de Deus está começando, pensava Jesus. Deus, na sua infinita e ilimitada Misericórdia, ressuscitará a todos, de corpo e alma. Não fosse assim, seria vã a nossa fé, dirá São Paulo (1Cor 15,17). Foi sempre essa a fé da Igreja.

Uma nova espiritualidade em nada tira a beleza de uma antiga. E como foi bela e forte a espiritualidade dos cristãos (e cristãs!) nos primeiros séculos do cristianismo, no tempo

4 Cf. artigo a ser publicado na REB, no primeiro semestre de 2016.

dos “Santos Padres” (e das “Santas Madres”)! Em absoluta delidade ao Deus da Misericórdia pregado por Jesus, os primeiros séculos cristãos dão atenção preferencial aos inúmeros pobres e espoliados presentes nos mais diversos cantos do Império Romano. Lembremos apenas o exemplo da Igreja de Roma. Diz Franco Pierini:<sup>5</sup> “O Papa Cornélio (151-153), em carta ao bispo de Antioquia, informa que a Igreja de Roma (então com aproximadamente 30 mil cristãos) compreende 46 presbíteros, 7 diáconos, 7 subdiáconos, 42 acólitos, 52 exorcistas, leitores e hostiários, e mais de 1.500 viúvas e indigentes oficialmente assistidos”. E ouvamos a pregação de São Basílio (†379), bispo de Cesareia, da Capadócia, pai da vida monástica na Igreja Oriental:

E tu que vais ocultando todos os teus bens nas obras de uma avareza insaciável, julgas não prejudicar ninguém, deixando na privação tantos infelizes? Quem é o avarento? Uma pessoa que não se contenta com o que é necessário. Quem é o ladrão? Uma pessoa que tira de alguém aquilo que lhe pertence. E, porventura, não és um avarento? Não és um ladrão? Monopolizastes os bens cuja gestão te foi concedida. Aquele que despoja o homem de suas vestes receberá o nome de saqueador. E aquele que, podendo fazê-lo, não veste a nudez de um mendigo merecerá acaso outro nome? Ao faminto pertence o pão que guardas. Ao homem nu, o manto que guardas nos teus cofres. Ao que anda descalço, o calçado que apodrece em tua casa. Ao miserável, o dinheiro que guardas escondido. É assim que vives oprimindo tanta gente que poderias ajudar.

Diz A. G. Hamman:<sup>6</sup>

Talvez o que mais chama a atenção na espiritualidade de Basílio seja o caráter engajado e comprometido socialmente de seu ministério episcopal. Dedicou-se a erradicar a miséria de sua cidade, construindo diversas obras no setor mais carente: instituições de socorro aos marginalizados e estrangeiros; albergue e abrigo para idosos; hospital, com área reservada às doenças contagiosas; igreja; e, mais tarde, alojamentos para empregados e operários. A obra transformou-se em uma verdadeira cidade operária (a assim chamada “basiliade”).

5 Cf. *Curso de história da Igreja – Idade Antiga*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 99.

6 Citado por R. Cavalcante, em *Espiritualidade cristã na história*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 249.

Essa mesma espiritualidade dos primeiros séculos se fará presente, ora mais, ora menos, na história da Igreja. No final da Idade Média, quando a riqueza comercial faz surgir a nova vida urbana, com o empobrecimento e abandono de grandes faixas da população, São Francisco de Assis (†1226) e seus companheiros – logo seguidos por Santa Clara (†1253) e companheiras – retomam a vida itinerante de Jesus, indo em busca dos mais esquecidos. Na imagem do crucifixo, Francisco encontra, a seu modo, o rosto do Deus da Misericórdia. Séculos depois também São Vicente (†1660) e muitos outros. Renasceu e renascerá sempre de novo a mesma fé de Jesus no Pai de infinita Misericórdia. Recentemente, no Brasil (e no mundo), surgiram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e as Pastorais Sociais com base nesta mesma espiritualidade, adotando, porém, um caráter menos exclusivamente assistencial e mais sociotransformador, visando a mudanças na estrutura social geradora da “injustiça... e violência institucionalizada” (cf. Medellín 16).

*Laudato Si'* não está alheia a esta espiritualidade, mas, a exemplo de Francisco, estende a Misericórdia do Pai, para além do ser humano abandonado, a todos os seres vivos que, hoje, sofrem grande ameaça. Em qual fundamento o Papa se baseia para tomar esta tão firme posição? Para responder a esta pergunta devemos, por algum momento, prestar atenção ao que a Ciência, hoje, nos diz sobre a origem e a evolução da “Vida” no planeta Terra.

A “vida” como ela é

Já pararam para ver a estonteante beleza da vida? E sua extraordinária complexidade? Tomemos como exemplo o nosso sangue. O sangue, seja dos peixes, dos animais ou dos seres humanos, é feito de moléculas de “hemoglobina” (uma típica molécula de “proteína”; o corpo é feito de diferentes tipos de proteínas). Numa única grande molécula de hemoglobina existem 574 pequeninas moléculas de aminoácidos. Cada pequeniníssimo aminoácido, por sua vez, é feito de apenas algumas dúzias de átomos, arranjados numa

estrutura precisa. Quantas moléculas de hemoglobina existem num corpo humano? Bem, não se assustem com os números: 6 mil quintilhões (!), todas perfeitamente idênticas. O mais impressionante, no entanto, não é o número, mas o “modo de vida”: as hemoglobinas se renovam permanentemente. Elas se “autorreplicam”, dizem os entendidos; quer dizer, elas tiram cópias perfeitas de si mesmas, o tempo todo. A que velocidade? Novamente, não se assustem: 400 trilhões por segundo! É um morrer e renascer sem fim.<sup>7</sup> E esta é a característica essencial não apenas das células de hemoglobina, mas de todas as células do nosso corpo! E assim também do “corpo” de todos os seres vivos, sejam animais, plantas, árvores, micróbios, algas do mar, ou o que for. Quem quer de novo a “vida”, dizem os entendidos (e há consenso sobre isto), deve dizer: “autorreplicação”. Outros falam em “autopoiese”, palavra que tem a mesma raiz grega de poema, poesia. É mais bonito. A vida é mesmo uma grande poesia.

Mas quem comanda esta máquina de fazer cópias de si mesma? Nós, religiosos/as, queremos logo responder: é Deus! Mas vamos devagar com isso. Não percebem o sorriso maroto dos cientistas? Já faz mais de um século que descobriram que cada célula é feita e refeita de acordo com o código genético – o tal do “DNA” – que existe dentro dela. O “replicador” de verdade é ele. Assim como as moléculas das proteínas são cadeias de aminoácidos, as moléculas de DNA são cadeias de “nucleotídeos” (os ácidos nucleicos que formam as bases estruturais dos nossos – aproximadamente – 30 mil “genes”). O DNA consiste num par, interconectado, de cadeias de nucleotídeos, uma torcida sobre a outra, numa espiral elegante, a “dupla hélice” ou a “espiral imortal” (os seres vivos morrem, mas seus genes, sempre idênticos, são passados adiante, possivelmente por milhões de anos). Existem apenas quatro tipos de nucleotídeos: adenina, citosina, guanina e timina. São iguais em todos os seres vivos, sejam bactérias, plantas ou animais (daí já dá para desconfiar de uma origem comum!). O que varia é a ordem em que os nucleotídeos se alinham na longa sequência da

<sup>7</sup> Cf. R. Dawkins, *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 56.

dupla hélice (que vem “aninhada” no longo dos – nos seres humanos – 46 cromossomos, dos quais 23 provenientes do pai e 23 provenientes da mãe). A “sequência” não é só diferente entre, por exemplo, um homem e um caramujo, como também é diferente – mas em um grau menor – entre um homem e outro homem. Daí por que não existem seres vivos iguais sobre a face da Terra. Cada ser vivo é único, em qualquer ponto do planeta. Pare um pouco e pense nisto.

Como todas as formas de vida, em qualquer ponto do planeta, da simples bactéria ao elefante, da humilde violeta ao imponente jatobá, possuem a mesma característica da permanente renovação das células, e sabendo que as diferentes formas de vida evoluíram sobre a face da Terra, indo das mais simples às mais complexas, os cientistas da vida chegaram à conclusão que, em algum lugar e tempo, este processo deve ter tido um início. Embora nem tudo ainda esteja esclarecido, há um consenso de que isto, de fato, aconteceu, aproximadamente 3,7 bilhões de anos atrás. Pelas leis da física, os diversos elementos químicos se atraem entre si. Logo que o meio ambiente do planeta o permitiu, os primeiros replicadores bioquímicos se constituíram, comandados por um, digamos, “DNAzinho” ainda bem rudimentar. Esta máquina de fazer cópias de si mesma, ocasionalmente, comete uma pequena “falha”, uma “mutação” dizem os entendidos. Se ela, por inaptidão, enfraquece a vida, ela não vingará nas próximas gerações. Se ela der certo, irá prosperar, passando de geração em geração. E assim a “vida” veio evoluindo, passando dos seres vivos unicelulares para os multicelulares, depois das humildes algas do mar às primeiras plantas rasteiras na costa da terra, e dos pequenos e primitivos animais aquáticos aos primeiros anfíbios praianos. A seguir vieram os répteis, os mamíferos e uma infinidade de outras formas vivas, como as aves, os pássaros e as flores das quais gostamos tanto. Sim, porque, depois dos mamíferos e dos primatas, surgiram também os seres humanos. E aí tudo complicou porque, como diz a Bíblia, o ser humano criou consciência do bem e do mal. E Jesus afirmou que podemos agir como cabritos ou ovelhas. Pela

primeira vez surgiu na terra um ser capaz de fazer a vida prosperar ainda mais... ou de acabar com tudo que existe. E está aí a razão pela qual o Papa Francisco escreveu a Encíclica *Laudato Si'*.

### *Laudato Si'*: apenas uma nova espiritualidade pode salvar o planeta

A Encíclica *Laudato Si'* faz uso regular de um conceito-chave em ecologia: “tudo está interligado”. Fala deste conceito, de forma explícita, mais de trinta vezes (4; 5; 6; 16; 20; 22; 34; 41; 42; 46; 48; 52; 66; 68; 70; 79; 86; 91; 92; 111; 117; 120; 137; 138; 139; 140; 141; 142; 155; 164; 220; 240). Coloca também, como causa principal de uma eventual “catástrofe ecológica” (4), o atual paradigma tecnocientífico, visto por todos os governos como o único caminho de enfrentamento e superação. Aponta até quarenta vezes para a falsa exclusividade desta proposta (4; 6; 15; 16; 20; 26; 31; 36; 48; 54; 56; 104; 106; 108; 109; 110; 111; 113; 127; 128; 136; 144; 161; 166; 167; 169; 173; 175; 177; 179; 183; 189; 190; 191; 193; 194; 195; 196; 203). Finalmente, após analisar todos os lados da questão, o Papa reserva o último capítulo – “Educação e espiritualidade ecológicas” – para falar do que lhe vai no coração: não é o “antropocentrismo despótico” (68), que vê o ser humano “acima” dos demais seres vivos, que irá salvar o planeta, mas apenas uma nova espiritualidade, a que assume a “ecologia integral” (10; 62; 124; 137), que vê o ser humano irmanado com seus irmãos e irmãs, e com os demais seres da natureza. “A cultura ecológica”, diz o Papa, “deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático” (111).

*Laudato Si'* não faz uso explícito da linguagem lucana centrada na Misericórdia. O conteúdo, no entanto, é idêntico. Ter misericórdia é saber *cuidar*: “Não se trata tanto de propor ideias, como sobretudo falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo

cuidado do mundo. Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima” (216). “Isto nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós... As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (139). “O cuidado dos ecossistemas requer uma perspectiva que se estenda para além do imediato, porque, quando se busca apenas um crescimento econômico rápido e fácil, já ninguém se importa realmente com a sua preservação” (36). Por isso, nos passos do ecoteólogo Leonardo Bo, o Papa afirma que “uma verdadeira abordagem ecológica... ouve tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (49). Ter misericórdia é *preocupar-se*: “Essa falta de capacidade para pensar seriamente nas futuras gerações está ligada com a nossa incapacidade de ampliar o horizonte das nossas preocupações” (162). “Exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade” (91). “A lógica que não deixa espaço para uma sincera preocupação com o meio ambiente é a mesma em que não encontra espaço a preocupação por integrar os mais frágeis” (196). Ter misericórdia é *responsabilizar-se*: “Enquanto a ordem mundial existente se revela impotente para assumir responsabilidades, a instância local pode fazer a diferença. Com efeito, aqui é possível gerar... uma especial capacidade de solicitude e... um amor apaixonado pela própria terra” (179). “Crescemos pensando que éramos seus (da Terra) proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la (2)... mas a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável” (116).

Tudo isso, lembra o Papa, requer uma “mudança de hábito” (209): “É a humanidade que precisa mudar. Falta a consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Essa consciência basilar permitiria o desenvolvimento de... novos estilos de vida” (202). Esta permitiria pôr fim ao “consumismo

compulsivo” (203), romper com a “consciência isolada” (208, e, como pede a Carta da Terra (ano 2000), “deixar para trás a etapa de autodestruição e... procurar um novo início” (207). Impõe-se, portanto, a autêntica educação ambiental que deve predispor-nos para “dar esse salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo” (210). “A *cidadania ecológica* se constrói valorizando as *pequenas ações diárias*” (211). É “o exercício desses comportamentos... que nos permite experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo” (212).

Permitam-nos encerrar com um pequeno alerta para a Vida Religiosa Consagrada. Também ela precisa muito de “conversão ecológica” (214; 216-221). A longa tradição eclesial de preocupar-nos mais com a alma do que com o corpo, a profunda espiritualidade samaritana que nos habituou a procurar em primeiro lugar o próximo deitado à beira do caminho, e o fato de o nosso dia a dia estar muito voltado para evangelização, catequese, ensino e pregação, tudo nos leva à fácil adoção de um discurso (ambiental) sem prática. Nas últimas décadas, grande parte da Vida Religiosa Consagrada entrou num forte processo de secularização, conformando-se com estilos de vida que correspondem mais à lógica do capital do que à lógica do Reino. Ainda é comum o/a religioso/a sair do quarto sem apagar a luz, deixar a água correr à vontade ao lavar os pratos, deixar aparelhos ligados ao sair de casa, não separar ao menos o lixo orgânico do lixo seco (ainda que a Prefeitura não o colete), preferir o transporte particular ao coletivo e estocar no quarto os livros que poderia partilhar. Prefere deixar “aos outros”, ou às ONGs, a urgente tarefa da preservação da natureza. Mas o Papa diz: “Compete à política e às várias associações um esforço de formação das consciências da população”. Mas... “naturalmente compete também à Igreja. Todas as comunidades cristãs têm um papel importante a desempenhar nessa educação (214)”.

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Muitos/as afirmam que, para nós, religiosos/as, salvar os excluídos e marginalizados é mais importante do que salvar as florestas. Está correto colocar a questão desta forma?
2. Quais podem ter sido as razões pelas quais o evangelista Lucas (ou a comunidade lucana) fez do conceito de “misericórdia” um dos conceitos centrais do seu Evangelho?
3. Quais as boas práticas ecológicas que, na sua opinião, devem ser mais incentivadas na Vida Religiosa Consagrada?



## Misericórdia e a Vida Consagrada

“Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e se compadeceu dela, porque era como ovelhas sem pastor”  
(Mc 6,34)

PE. RONALDO MAZULA\*

O Papa Francisco convida o mundo católico a viver o Ano Santo da Misericórdia, de 8 de dezembro de 2015, solenidade da Imaculada Conceição, até o dia 20 de novembro de 2016, solenidade de Cristo Rei. O ano santo foi anunciado na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae Vultus*, ou seja, O Rosto da Misericórdia.

Bispos, presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e todos os fiéis leigos são convidados a aprofundar o dom da Misericórdia em suas vidas e a assumir esta virtude cristã nas mais diversas instituições e situações da vida cotidiana.

No contexto do Ano da Vida Consagrada (2014-2015), algumas perguntas podem ser interessantes. Qual o significado da misericórdia para a Vida Consagrada? Como direcionar a nossa vida de consagrados e consagradas a partir da perspectiva da misericórdia? É possível falar de uma Vida Consagrada misericordiosa neste início de III Milênio? As dificuldades próprias do mundo contemporâneo e os processos de institucionalização permitem que a Vida Consagrada ainda “se compadeça das multidões”?

Visitando a história da Vida Religiosa, percebemos que a caridade, a solidariedade, a promoção humana, a libertação, a restauração das pessoas, a sensibilidade pelo próximo, a

\* **Ronaldo Mazula** é sacerdote missionário claretiano. Licenciado em História da Igreja (Gregoriana de Roma). Professor em várias faculdades e articulador de projetos solidários. Prefeito de Apostolado e vice-provincial dos Missionários Claretianos do Brasil-Moçambique. **Endereço do autor:** Rua Martim Francisco, 636, CEP 012266-000, São Paulo-SP. **E-mail:** <ronaldomazula@hotmail.com>.

luta pela justiça e paz e a defesa dos direitos humanos foram assumidas com gestos concretos pelos consagrados/as e zeram parte das reações, dinâmicas e ações pessoais e comunitárias. Menciono a ação caritativa das virgens dos primeiros séculos; o cuidado dos anacoretas para com as pessoas que os procuravam nos desertos ou montanhas; o “atendimento terapêutico” dos monges e monjas; as hospedarias monásticas; as ações solidárias nos tempos de guerra e penúria medievais; a ajuda de consagrados/as, muitas vezes com a própria vida, nas épocas das grandes pestes medievais e modernas.

É imenso o número de padres, irmãos e freiras que, com seus colaboradores e voluntários, atendem milhões de pessoas em várias regiões do mundo com projetos humanitários e solidários nas áreas de saúde, educação, promoção humana e formação cristã; missionários e missionárias que vivem em regiões miseráveis e endêmicas e dão a vida a serviço dos pequenos e humildes com trabalhos variados no silêncio da vida cotidiana. Os mártires da luta pela justiça e libertação dos sistemas opressores e violentos que, ainda hoje, excluem e descartam milhões de vidas no mundo; os que lutam pela defesa do meio ambiente e morrem vitimados pelos interesses dos latifúndios, das grandes mineradoras e das construtoras; os que no meio das misérias do mundo urbano, em favelas e regiões suburbanas ou centrais, cuidam dos que vivem nas “cracolândias”, na situação de rua, no mundo do tráfico e da prostituição etc.

Com certeza, se fossemos citar nomes de ordens e congregações religiosas, de santos e santas, de homens e mulheres que viveram a caridade e a misericórdia no silêncio e anonimato, a lista seria imensa e extraordinária...

### Bula *Misericordiae Vultus*

A bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae Vultus*, foi publicada no dia 11/04/2015, na véspera do segundo domingo da Páscoa, domingo da “divina misericórdia”.

Ela contém 25 números, sem nenhuma divisão em itens ou capítulos ou sessões. Mas podemos perceber alguns blocos, nos quais o Papa Francisco deseja graça, misericórdia e paz a todos que a lerem, e também propõe que toda a Igreja assuma o dom de misericórdia no mundo de hoje, tão necessitado de gestos concretos de amor, caridade e compaixão. Para uma maior compreensão, o texto pode ser dividido em três blocos:

#### A. O Ano Jubilar da Misericórdia

- Introdução, justificativas e datação (nn. 1 ao 5).
- Fundamentação bíblico-trinitária (nn. 6 ao 9).
- A Igreja e a Misericórdia (nn. 10 ao 12).

#### B. Ano da Misericórdia

- A vivência do Ano da Jubilar da Misericórdia (n. 13).
- A Peregrinação (n. 14).
- *Obras de misericórdia corporal* (dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos). *Obras de misericórdia espiritual* (aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos) (n. 15).

#### C. Apelos do Papa

- Justiça e Misericórdia (nn. 20 e 22).
- Misericórdia, Judaísmo e Islamismo (n. 23).
- Maria, a Mãe da Misericórdia (n. 24).
- Conclusão (n. 25).

### A Vida Consagrada e a misericórdia

Faz parte da identidade e missão da Vida Consagrada a vivência comunitária da misericórdia, como também constitui um dos elementos centrais do apostolado e compromisso com a construção do Reino de Deus. Após o Concílio

Vaticano II (1962-1965), a Igreja e a Vida Consagrada, que sempre foram sensíveis, renovaram o compromisso de estar mais atentas aos sofrimentos e dores da humanidade, colocando-se sempre mais, misericordiosamente, a serviço da humanidade. Mas também ao compromisso de transformar as estruturas sociais, econômicas e políticas que geram dor e sofrimento em milhões de empobrecidos e excluídos. É neste contexto que enxergamos o rosto de tantos homens e mulheres necessitados de misericórdia, apoio e compaixão.

A Agência Fides, no ano 2013, apresentou dados estatísticos sobre a situação da Igreja Católica no mundo. Baseada nos dados do Anuário Estatístico da Igreja, de dezembro de 2010, a Agência apresenta estatísticas sobre os católicos no mundo (em torno de 1.195.671.000), bispos (5.104), sacerdotes (total de 412.236), diáconos permanentes (total de 39.564), religiosos não sacerdotes (54.665), religiosas (721.935). Na área da educação, tem 70.544 escolas maternas; 92.847 escolas fundamentais; 43.591 institutos secundários; tem 2.304.171 alunos de escolas superiores e 3.338.455 estudantes universitários (cf.: [www.zenit.org](http://www.zenit.org)).

A atuação da Igreja Católica no mundo da *saúde*, espaço onde atuam milhares de religiosos e religiosas, leva consolo e conforto a milhões de enfermos e doentes. Os institutos de saúde, de beneficência e assistência incluem 5.305 hospitais, com maior presença na América (1.694) e África (1.150); 18.179 postos de saúde, a maioria na América (5.762), África (5.312) e Ásia (3.884); 547 leprosários, principalmente na Ásia (285) e África (198); 17.223 casas para idosos, doentes crônicos e portadores de deficiência, a maioria na Europa (8.021) e América (5.650); 9.882 orfanatos, sendo 30% na Ásia (3.606); 11.379 jardins de infância; 15.327 consultórios matrimoniais; 34.331 centros de educação ou reeducação social e 9.391 instituições de outros tipos, em maioria na América (3.564) e Europa (3.159). Muitas destas obras são criadas e mantidas por inúmeros institutos religiosos.

O mundo de hoje passa por muitas mudanças e muitos governos melhoram os serviços às populações. A Igreja Católica e os sistemas religiosos vivem situações difíceis diante

das novidades e desafios atuais, mas não se pode negar a ação misericordiosa, de promoção humana e defesa dos Direitos Humanos, por parte dos católicos, que aperfeiçoam o seguimento a Jesus na prática do amor a Deus e do amor ao próximo. E isso ninguém pode negar. No fundo, “a misericórdia e o amor ao próximo permanecem!”.

No ano de 2007, em Aparecida, Brasil, foi realizada a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. No segundo capítulo, Olhar dos Discípulos Missionários sobre a Realidade, ao tratar da situação econômica continental, no n. 65, o documento apresenta os *rostos daqueles que sofrem*:

as comunidades indígenas e afro-americanas que, em muitas ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça e situação socioeconômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem-terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual; também as crianças vítimas de aborto. Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome. Preocupam-nos também os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas das enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-AIDS, que sofrem a solidão e se veem excluídos da convivência familiar e social. Não esquecemos também os sequestrados e os que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade. Também os anciãos que, além de se sentirem excluídos do sistema produtivo, veem-se muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas e inúteis. Sentimos as dores, em suma, da situação desumana que vive a grande maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna.

São milhões de pessoas, sem rosto, sofredoras e excluídas, que necessitam de misericórdia, solidariedade e cuidado.

No n. 65, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, os bispos chamam a atenção para a realidade de milhões de excluídos e descartáveis que também precisam de misericórdia. Percebe-se que

uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pessoa pertença à sociedade na qual se vive, mas é afetada na raiz, pois já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não são somente “explorados”, mas “superiores” e “descartáveis”.

Quando fala dos consagrados e consagradas, discípulos missionários de Jesus Testemunha do Pai, os bispos afirmam o seguinte no n. 217:

Em comunhão com os Pastores, os consagrados e consagradas são chamados a fazer de seus lugares de presença, de sua vida fraterna em comunhão e de suas obras, lugares de anúncio explícito do Evangelho, principalmente aos mais pobres, como tem sido em nosso continente desde o início da evangelização. Desse modo, segundo seus carismas fundacionais, colaboram com a gestação de uma nova geração de cristãos discípulos e missionários e de uma sociedade onde se respeite a justiça e a dignidade da pessoa humana.

No Brasil, atualmente, segundo os dados da CRB, no ano de 2014 eram 30.528 religiosas, 7.580 padres e 2.702 irmãos. Todos são convidados a se colocar a

“serviço da vida plena para todos.” Pois “a vida é dom de Deus”. “O Evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus.” É missão dos discípulos o serviço à vida plena. Por isso, a Igreja no Brasil proclama com vigor que “as condições de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor contradizem o projeto do Pai e desafiam os discípulos missionários a maior

compromisso a favor da cultura da vida” (cf.: CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. 2015-2019. 2015, n. 62).*

A seguir, no número 63, os bispos afirmam que, “ao mergulhar nas profundezas da existência humana, o discípulo missionário, abrindo seu coração em louvor, por todas as criaturas, angustia-se diante de todas as formas de vida ameaçada, desde o seu início, em todas as suas etapas, até a morte natural” (cf. DGAE, n. 63).

### Vida Consagrada e gestos de misericórdia

Nos últimos anos, o Papa Francisco tem convidado a Igreja e a Vida Consagrada a se colocarem em atitude de saída, de caminho, de desinstalação e de serviço à humanidade. Precisam, Igreja e VC, ser expressão do amor e da misericórdia divinos, num mundo que vai perdendo a capacidade de se preocupar com os pequenos, abandonados e que sofrem com as misérias existenciais e contemporâneas.

Internamente, a Vida Consagrada pode assumir vários gestos misericordiosos: o perdão e a preocupação com os membros da comunidade; a sensibilidade no trato interpessoal; a busca da cura das feridas comunitárias com caridade e acolhida; sensibilização em relação aos membros que sofrem doenças existenciais e físicas; cuidado dos consagrados/as que vivem processos de crises e dificuldades; criação de gestos e experiências comunitárias abertas ao sofrimento dos empobrecidos, idosos, doentes, excluídos; promoção de exercícios espirituais comunitários sobre o tema da misericórdia; produção de folhetos, vídeos, cartazes e materiais sobre a misericórdia; envolvimento com a Igreja nas atividades paroquiais, diocesanas e eclesiais em torno do Ano da Misericórdia; disponibilização de religiosos sacerdotes para atender a Comunhões, e de religiosos/as para serem “missionários/as da misericórdia”.

*Externamente, a VC pode assumir muitos gestos misericordiosos: articular e incentivar gestos concretos de misericórdia; visitar hospitais e enfermos; incentivar a prática da comunhão*

e se disponibilizar para atender os penitentes; oferecer o sacramento da Unção dos Enfermos a todos os que precisam; criar espaços de aprofundamento sobre o tema da misericórdia; oferecer retiros espirituais sobre o tema da misericórdia; promover caminhadas e peregrinações; articular iniciativas de caridade e solidariedade com voluntários e colaboradores de paróquias, escolas e obras sociais; assumir ou adotar famílias pobres, enfermos, crianças carentes etc.; cuidar mais da juventude; assumir postos de fronteiras e miséria; divulgar por todos os meios possíveis o Ano da Misericórdia; promover gestos concretos de reconciliação e convites à conversão aos corruptos, criminosos, mafiosos etc.; promover debates e reflexões no mundo da justiça sobre o tema da misericórdia; promover eventos ecumênicos e de diálogo com judeus e muçulmanos.

Como o Papa Francisco convidou a Igreja, também convida a Vida Consagrada a assumir este Ano Jubilar da Misericórdia,

para que se faça eco da Palavra de Deus que ressoa, forte e convincente, como uma palavra e um gesto de perdão, apoio, ajuda, amor. Que ela nunca se canse de oferecer misericórdia e seja sempre paciente a confortar e perdoar. Que a Igreja se faça voz de cada homem e mulher e repita com confiança e sem cessar: “Lembra-te, Senhor, da tua misericórdia e do teu amor, pois eles existem desde sempre” (Sl 24[25],6) (*Misericordiae Vultus*, n. 25).

Creio que a Vida Consagrada está e é sensível ao convite do Papa Francisco e assumirá muitas iniciativas e gestos para divulgar o Ano da Misericórdia, como também vai assumir o compromisso de ser expressão no mundo do amor misericordioso de Deus.

### Oração da Misericórdia

Senhor Jesus Cristo, vós que nos ensinastes a ser misericordiosos como o Pai celeste e nos dissetes que, quem vos vê, vê a ele, mostrai-nos o vosso rosto e seremos salvos.

O vosso olhar amoroso libertou Zaqueu e Mateus da escravidão do dinheiro; a adúltera e Madalena de colocar a felicidade apenas numa criatura; fez Pedro chorar depois da traição, e assegurou o Paraíso ao ladrão arrependido. Fazei que cada um de nós considere como dirigida a si próprio as palavras que dissestes à mulher samaritana: “Se tu conhecesses o dom de Deus...”!

Vós sois o rosto visível do Pai invisível, do Deus que nos manifesta sua onipotência sobretudo com o perdão e a misericórdia: fazei que a Igreja seja no mundo o rosto visível de vós, seu Senhor, ressuscitado e na glória.

Vós quisestes que os vossos ministros fossem também revestidos de fraqueza para sentirem justa compaixão por aqueles que estão na ignorância e no erro: fazei que todos os que se aproximarem de cada um deles se sintam esperados, amados e perdoados por Deus.

Enviai o vosso Espírito e consagrai-nos a todos com a sua unção para que o Jubileu da Misericórdia seja um ano de graça do Senhor e a vossa Igreja possa, com renovado entusiasmo, levar aos pobres a alegre mensagem, proclamar aos cativos e oprimidos a libertação e aos cegos restaurar a vista.

Nós vo-lo pedimos por intercessão de Maria, Mãe de Misericórdia, a vós que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém (cf. *Ano Santo da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 2015).

## Bibliografia

- CONGRESSO INTERNACIONAL da Vida Consagrada. *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*. São Paulo: CRB/Paulinas, 2005.
- PAPA BENTO XVI. *Deus Caritas est*. Roma, 2012.
- PAPA FRANCISCO. *Deus não se cansa de perdoar: mensagens de misericórdia*. São Paulo: Ave-Maria, 2014.
- PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- PAPA FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

- PAPA JOÃO PAULO II. *Dives in Misericordia*. Roma, 1980.
- SOPOCKO, Miguel. *A misericórdia de Deus em suas obras*. Curitiba: Apostolado da Divina Misericórdia, 2015.
- VIGINI, Giuliano (Org.). *Papa Francisco: a Igreja da Misericórdia. Minha visão para a Igreja*. São Paulo: Schwarcz, 2014.
- VV.AA. *Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas. 2006.

## Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como ser expressão da misericórdia de Deus no mundo de hoje?
2. Que gestos concretos nossas comunidades podem assumir neste Ano da Misericórdia?
3. Como viver a misericórdia dentro de nossas comunidades, em nossas relações interpessoais, em nossos governos e processos administrativos e financeiros?

## A vocação universal à santidade e a Vida Consagrada

C. CALIMAN, SDB\*

Não faltam motivos para trabalhar o tema da vocação universal à santidade na Igreja e da Vida Consagrada. Estamos nos 50 anos do término do Concílio Vaticano II (1962-1965). É mais do que oportuno revisitá-lo com um olhar no passado da Vida Religiosa e outro olhar esperançoso para o futuro. Foi o que nos pediu o Papa Francisco na Carta Apostólica *às pessoas consagradas*, por ocasião da proclamação do ano da Vida Consagrada. Ele nos pede que não queamos prisioneiros dos nossos próprios problemas (II, 4), mas perseveremos na busca da radicalidade evangélica de um modo profético (cf. II, 2). Desta maneira, poderemos “abraçar com esperança o futuro” (I. 3).

A geração da Vida Religiosa pós-conciliar é chamada a viver o tempo presente com paixão e como desafio constante. Não há simplesmente porto de chegada onde possamos descansar, mas o constante “navegar” para as “águas profundas” do seguimento de Jesus Cristo humilde e pobre. Tendo presente a experiência que fazemos hoje da aceleração da história, o Documento de Aparecida toma como ponto de partida o fato de que vivemos um tempo de “mudança de época”, para o qual devemos responder com uma “conversão pastoral”. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* orienta essa conversão na direção de uma “transformação missionária da Igreja”.

Tudo indica que entramos numa nova fase da recepção do Concílio Vaticano II, com novo espírito, na “alegria do Evangelho”, para além de interpretações conciliares que paralisam a Igreja entre a saudade de um tempo que já passou

\* Cleto Caliman é padre salesiano, doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia da Faje. Fez seus estudos teológicos no Instituto Teológico Pio XI, São Paulo, e o mestrado em Teologia na Universidade Pontifícia Salesiana, Roma. De 1968 a 1969 especializou-se em Teologia Sistemática na Universidade de Münster, Alemanha. Atualmente, é professor titular de Teologia Sistemática do Instituto Santo Tomás de Aquino e coordenador do curso de Teologia. Leciona ainda Teologia Sistemática no Instituto Dom João Resende Costa, da PUC-Minas. Tem artigos publicados em várias revistas de Teologia e é membro da equipe editorial das revistas *Convergência* (CRB) e *Horizonte Teológico* (Ista).

e não volta mais (e que as novas gerações já não viveram!) e o futuro de uma Igreja mais jovial e alegre, livre de amarras do passado milenar da cristandade, das muletas do poder, para expressar de modo profético a Boa-Nova do Reino.

Tratamos o nosso tema, primeiro, desenvolvendo alguns critérios para nos orientar a um novo paradigma da Vida Religiosa no século XXI; segundo, indicando os principais ensinamentos conciliares sobre a vocação universal à santidade na Igreja e na Vida Religiosa.<sup>1</sup>

### Crítérios para um novo paradigma da Vida Religiosa para o século XXI

Essa passagem de época exige de nós alguns passos fundamentais para assimilar o espírito dos novos tempos, como batizados/as e religiosos/as. Esse espírito vai impregnando a Igreja, às vezes de forma latente, subliminar, outras de maneira estrepitosa e barulhenta, como é o caso da utilização das novas fronteiras da comunicação. Mas é justamente nesse ponto que se coloca a questão crucial: qual é o modo de assimilar criativa e frutuosamente esse espírito dos novos tempos? Podemos cair facilmente num processo sincrético<sup>2</sup> malconduzido, que não presta a devida atenção ao princípio da fé. Esse é o ponto de partida de todo seguimento de Cristo, ou seja, da vida cristã. Ele exige de nós constantemente um criterioso discernimento. Um processo sincrético que não respeitasse o núcleo central da nossa fé e, por consequência, o fundamento evangélico da Vida Religiosa, lamentavelmente seria prejudicial. Poderíamos perder o foco do processo de renovação, querido pelo Concílio e buscado constantemente nessa etapa pós-conciliar.

Para que esse foco seja de fato mantido na fidelidade ao Evangelho e à grande tradição da Vida Religiosa, é fundamental uma reflexão prévia que ajude a distinguir entre o que é dado permanente da Vida Religiosa no horizonte da vida eclesial, o que se estabelece como “cláusula pétrea”, irremovível, de ordem *estrutural*, e aqueles elementos que constituem a moldura histórica da Igreja e, dentro dela, da

1 Baseamos nossa reflexão, sobretudo, nos comentários de Friedrich WULF, SJ, aos capítulos V e VI da *Lumen Gentium*, em: *Lexikon für Theologie und Kirche* 12. Herder, 1986, p. 284-313; e de Ugo ROCCO, SJ, em: *La Costituzione Dogmatica sulla Chiesa*. Elledici, 1966, p. 817-874.

2 BOFF, L. Avaliação teológico-crítica do sincretismo. *Vozes* 71 (1977) 53-68, resultado de uma conferência proferida num simpósio sobre sincretismo religioso afro-brasileiro, realizado em Salvador, Bahia, em 1976. Ver também do autor: em favor do sincretismo: a produção da catolicidade do catolicismo, em: *Igreja: carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1981, pp. 145-171; SOARES, A. L. Impasses da teologia católica diante do sincretismo religioso afro-brasileiro. *Religião e Cultura* 1 (2006) 66-76.

Vida Religiosa através dos tempos. Nesse ponto é inevitável a exigência de enfrentar dialeticamente a articulação entre uma hermenêutica da continuidade e a hermenêutica da ruptura.<sup>3</sup> Isso significa fazer uma leitura a partir daquelas dimensões estruturais da Igreja que devem existir em todos os tempos e lugares, por um lado; enquanto se percebem aspectos ou dimensões em constantes mudanças, ligadas ao processo histórico, por outro. Essas dimensões trazem consigo transformações de ordem conjuntural. Como a Vida Religiosa é vivida sempre dentro da Igreja, sua leitura também se opera dentro de um processo dialético de continuidade e rupturas constantes. Para poder ser sempre a mesma na fidelidade ao Evangelho, a Vida Religiosa vai assimilando formas históricas ligadas à sociedade sempre em transformação. Por isso, ela deve constantemente distinguir o espírito dos fundadores que a move pela história afora, e suas realizações históricas sempre imperfeitas e, portanto, superáveis no decorrer da história.

Podemos observar ainda que, desde meados do século XX, ao redor do acontecimento do Concílio Vaticano II, passamos de um paradigma<sup>4</sup> da Igreja de cristandade, em suas diferentes realizações históricas – medieval, colonial, da nova cristandade –, para um novo paradigma de uma Igreja povo de Deus, dentro do mundo de hoje. A Vida Religiosa, como realidade eclesial, passa também por essa “metamorfose” dos tempos. Com tais pressupostos, chegam para nós as perguntas: como pensar as transformações da VR através dos tempos, na continuidade de seu caminho carismático pela história? Qual a contribuição que o Concílio Vaticano II deu para esse processo de mudança na Vida Religiosa?

Com essas preocupações, propusemo-nos a retomar os cap. V e VI da Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, buscando o espírito em que foram escritos, para responder à nossa questão: quais são os aspectos fundamentais que o Concílio nos propõe para a orientação da Vida Religiosa em direção ao futuro? O que deixamos para trás e o que o Concílio nos aponta como aspectos insuperáveis do caminho da vida cristã em todos os tempos e lugares?

3 J. B. LIBANIO  
*Concílio Vaticano II*.  
São Paulo: Loyola,  
2005, p. 9-14.

4 Usamos o termo  
*paradigma* no sentido  
derivado de Thomas  
KUHN: uma “cons-  
telação de crenças,  
valores e técnicas  
etc., partilhados pelos  
membros de uma  
comunidade dada”  
(cf. *A estrutura das re-  
voluções científicas*. São  
Paulo: Perspectiva,  
2000, p. 218).

## Ensinos conciliares para a vida cristã e a Vida Consagrada

O Concílio deu alguns passos importantes no modo de pensar a Vida Religiosa, que havia absorvido o espírito da cristandade. Nela a Vida Religiosa tinha o seu parâmetro na vida “monacal”. Era o ideal oferecido e, depois, retratado na teologia da Vida Religiosa tradicional, como a que nos ofereceu Santo Tomás de Aquino. A proposta conciliar visa justamente superar as principais teses da teologia clássica da Vida Religiosa e indicar para ela um novo horizonte.

Por que a *Lumen Gentium* nos propôs dois capítulos e não um só?

Esse foi um dos pontos de discussão entre os Padres conciliares sobre o nosso tema. Por que dois capítulos e não um só para a vocação universal à santidade na Igreja e à Vida Religiosa? O fato é que havia divergências entre a Comissão conciliar que trabalhava a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e a Comissão para os religiosos. A primeira achava que era suficiente colocar apenas um capítulo sobre a vocação universal à santidade na Igreja. Esse capítulo introduziria a vida cristã geral e, nela, a Vida Religiosa, no mistério da Igreja santa. Para essa Comissão, os elementos mais importantes para a Vida Religiosa já teriam sido dados de forma específica no Decreto *Perfectae Caritatis* sobre a renovação da Vida Religiosa. Além do mais, assim raciocinavam os membros da Comissão para a Constituição sobre a Igreja, não se pode estabelecer graduação na vocação à santidade. O que é possível, sim, é expressar a singularidade da vocação cristã, conforme os vários modos de realização do caminho carismático na Igreja, povo de Deus.

Outra dificuldade que tinha essa Comissão dizia respeito à distinção que tradicionalmente se faz entre clérigos, religiosos e leigos. Em sentido estrito não há um princípio uniforme para essa distinção. No máximo poder-se-ia estabelecer a distinção entre clérigos e leigos. Quando Jesus convoca os seus discípulos, instituiu também o serviço ministerial dos

apóstolos, estabelecendo o que, tempos depois, se chamou de hierarquia. Mas a Vida Religiosa enquanto tal não pertence à dimensão hierárquica, mas à dimensão carismática da Igreja, ou seja, àquela dimensão da graça derramada sobre batizados/as para responder aos desafios da vida cristã no mundo em vista da edificação da Igreja de Cristo.

Por isso é importante que a própria Vida Religiosa redescubra a própria dimensão laical<sup>5</sup> como pressuposto de sua existência. Ela não nasceu clerical, mas laical. Essa dimensão aparece de forma clara quando a própria *Lumen Gentium* antecipa o tema da vocação universal à santidade já no cap. II, dedicado ao Povo de Deus: “todos os cristãos, de qualquer condição ou estado, são chamados pelo Senhor, cada um por seu caminho, à perfeição da santidade pela qual é perfeito o próprio Pai” (11c). É por esse caminho que os membros do Povo de Deus exercem o sacerdócio comum dos fiéis, colocando nas mãos de Deus, por Jesus Cristo, a própria vida como oferenda agradável.

No decorrer do Concílio, para satisfazer os membros da Comissão para os religiosos, se acrescenta um capítulo sobre os *Religiosos*. Assim, em continuidade com a afirmação fundamental sobre a vocação universal à santidade na Igreja e no mesmo contexto da vida cristã, expressa-se a singularidade da Vida Religiosa, afirmando que “essa santidade aparece de modo peculiar na prática dos Conselhos evangélicos” (LG 39). Assim aparece a Vida Religiosa no conjunto da vida cristã, com a importância que ela sempre teve na tradição da Igreja, desde a antiguidade. Desse modo, a *Lumen Gentium* supre uma carência do Decreto *Perfectae Caritatis* que, por seu caráter específico, não se detinha sobre os princípios teológicos da VR, mas oferecia uma orientação geral para a sua renovação.

O importante é que, à distância do tempo, se chega à conclusão de que ambos os lados tinham uma parte da razão. Primeiro, porque a VR não pode ser compreendida fora da vida cristã dos batizados/as, chamados/as à santidade na Igreja. Segundo, porque, olhando no retrovisor da história, se descobre o testemunho dos consagrados/as e sua

5 SATHLER F. “Todos vocês são irmãos”: a dimensão da laicidade da Vida Religiosa Consagrada masculina. Dissertação de mestrado. FAJE, 2013.

importância para a Igreja e a evangelização. Na verdade, eles nem só “oram” nem só “laboram”, mas também implantam igrejas por muitas partes, sobretudo em situações de fronteiras. Mais do que isso, ninguém, em sã consciência, pode ignorar as muitas tradições espirituais das famílias religiosas que, a seu modo, alimentam a vida cristã desde os inícios do monacato até os nossos dias. Exemplos para isso não faltam.

Na verdade, há uma unidade interna nos dois capítulos, que nos aconselha trabalharmos os dois como se fosse um só. E a razão é simples. A VR, no seu enraizamento evangélico, expressa a radicalidade da vida cristã no seguimento de Jesus Cristo como um “modo de chegar a ser cristão”.<sup>6</sup> Mais ainda, buscando a intenção mais profunda do Concílio, descobrimos que ele queria apresentar a VR não numa forma estática, como “estado para adquirir a perfeição”,<sup>7</sup> mas numa forma dinâmica e existencial dentro da vida cristã. Essa abordagem pede uma nova compreensão da Igreja a partir da graça batismal e, conseqüentemente, da vocação à santidade na Igreja para todos os consagrados/as, pela unção do Espírito.

#### Duas vias para chegar à salvação?

Propondo como chave de leitura da vida cristã a *vocação universal à santidade na Igreja*, tal como é enunciado no título do cap. V da *Lumen Gentium*, os Padres conciliares desejam deixar para trás aquela compreensão da Vida Religiosa baseada na distinção entre duas vias para chegar à salvação. A primeira é a *via dos preceitos*, reservada aos fiéis no mundo profano. A segunda é a *via dos Conselhos evangélicos* para clérigos e religiosos. Como alguém já disse, era uma compreensão de santidade “delegada” a monges, religiosos e clérigos.<sup>8</sup> A Vida Religiosa, assim entendida, dava ideia de uma “aristocracia” espiritual. Não era coisa para o comum dos fiéis. Para eles bastava “estar em dia com as obrigações”.

Tomás de Aquino tematizou essa visão clássica da Vida Religiosa. Ele falava em duas vias para a vida cristã: a via dos Conselhos evangélicos e a via dos Preceitos. Ensinava que a via dos Conselhos é mais plena e perfeita do que a via

6 SOBRINO J. *Resurreição da verdadeira Igreja*. Loyola, 1982, p. 203s.

7 Assim aparecia o título do primeiro esquema do Decreto conciliar sobre a Vida Religiosa: *De Statibus Perfectionis acquirendae* – sobre os Estados para adquirir a Perfeição.

8 LABOURDETTE. *A Santidade, vocação de todos os membros da Igreja*. Em: BA-RAUNA G. (org.). *A Igreja do Vaticano II*. Vozes, 1967, p. 1057.



9 TOMÁS DE AQUINO. *Contra doctrinam retrahentium a religione*. Cap. 6: “Como há um duplo modo de observar os preceitos, o perfeito e o imperfeito, é necessário que haja também um duplo exercício dos preceitos: um pelo qual alguém se exercita na perfeita observância dos preceitos. Esse exercício se faz pelos conselhos; outro é o exercício na observância imperfeita dos preceitos, que se faz na vida secular, sem os conselhos”.

10 *Sermo* 354. Santo Agostinho ensina que é desigual a situação entre quem é casado e quem é virgem em relação ao destino eterno: “a mãe, porque casada, terá um lugar menor no reino dos céus do que a filha, que é virgem. A filha virgem tem um lugar maior; a mãe casada tem um lugar menor”. Para um conhecimento mais aprofundado da questão nos cinco primeiros séculos da Igreja, veja o trabalho monumental de BROWN P. *Corpo e sociedade*: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do

dos Preceitos. Nessa linha, dizia que a via dos Conselhos leva ao perfeito seguimento de Cristo. Ela conduz à plenitude da vida e da salvação, ou seja, ao “estado de perfeição”. Por outro lado, a via dos Preceitos também conduz, é claro, à vida eterna, mas em grau inferior. Tomás tinha a seguinte percepção: só quem renuncia aos bens terrenos tem condições de chegar à perfeição. Aquele que vai atrás dos bens terrenos, mesmo estando bem atento a Deus, pertence aos imperfeitos.<sup>9</sup> Com esses pressupostos, já de antemão, a vocação à Vida Religiosa obtinha uma vantagem diante dos cristãos no mundo. Essa tendência de diminuir a vida cristã “no mundo” ante a vida cristã no seguimento dos conselhos evangélicos vem desde a antiguidade cristã. Agostinho dizia que “é melhor a santidade virginal do que a pudicícia conjugal”.<sup>10</sup> Pode-se dizer que esse era um dos postulados sobre a Vida Religiosa que chegou até o Concílio Vaticano II.

Analisando melhor a história da Vida Religiosa, porém, descobrimos que esse movimento de renovação não começou ao redor do Concílio Vaticano II. A história raras vezes chega de forma repentina. Ela é preparada no médio e no longo prazo por antecedentes que vão marcando o rumo da vida cristã. Um santo como São Francisco de Sales impressionou seus contemporâneos com a sua *Introdução à vida devota*. Propunha um caminho de santidade para todos os “no mundo”. São Vicente de Paula e outros fundadores de congregações religiosas também trilharam esse caminho. São João Bosco propunha um caminho de santidade para os jovens. O Concílio não fez senão dar voz oficial a esse novo modo de ser religioso dentro do mundo.

Passando agora mais diretamente ao capítulo V da *Lumen Gentium*, sobre a vocação universal à santidade na Igreja, os Padres Conciliares zeraram uma pesada crítica a essa doutrina tradicional, tal como vinha embutida no texto em discussão. A “evidência” tradicional sobre a Vida Religiosa foi duramente questionada porque a deixava numa posição isolada em relação aos demais batizado/as e revelava um conceito de santidade não mais compatível com nossos dias. Essa mudança de mentalidade havia sido antecipada pelo Papa

João XXIII, que mostrava outra sensibilidade em relação ao mundo, contra a milenar tradição da *fuga mundi*. Ele dizia: “não devemos ver uma oposição entre a perfeição pessoal e a atividade de cada um no mundo, como se uma pessoa não pudesse aperfeiçoar-se senão deixando de exercer atividades temporais, ou se o exercício delas comprometesse fatalmente a nossa dignidade de seres humanos e de crentes”.<sup>11</sup>

Neste ponto é importante compreender a Vida Religiosa não distanciada da vida cristã. Assim, o Concílio quis apresentar com mais clareza o lugar da vida cristã na história da salvação e, em consequência, o lugar da Vida Religiosa inserida plenamente na vida cristã com sua específica cidade carismática.

Como compreender a santidade no mistério da Igreja, Povo de Deus?

Para uma nova compreensão da santidade na Igreja Povo de Deus, é necessário perceber melhor a severa crítica que os Padres conciliares zeraram da concepção da santidade na Vida Religiosa, sobretudo nos séculos anteriores ao Concílio. Os observadores apontavam certa tendência pelagiana<sup>12</sup> na compreensão da santidade na Vida Religiosa anterior. Era uma santidade pensada mais no nível ascético, ligada à disciplina, ao estatuto jurídico da Vida Religiosa e à vontade dos indivíduos. Ora, esse caminho de compreensão da santidade corria, sem dúvida, o perigo de perder o principal, a via da santidade que vem de Deus, como graça que passa pelo mistério da Igreja e pelo batizado, inserido no mistério da Igreja, Povo de Deus.

Aqui vale uma primeira observação: a santidade é antes de tudo atributo de Deus. Sem esse ponto de partida, que é Deus mesmo, pode-se incorrer no pelagianismo, atribuindo à liberdade humana a capacidade de mover-se por si mesma à santidade. Essa era a suspeita que caía sobre certo tipo de Vida Religiosa em busca da perfeição moral que aprimora a vontade do indivíduo mais do que a gratuidade do amor sincero a Deus. Neste caso, a graça viria apenas como auxílio para realizar o que já podemos fazer com as forças da

Cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Na terceira parte o autor trata das posições de Santo Ambrósio, Jerônimo e Agostinho.

11 *Mater et Magistra*. Vozes, 1961, n. 249 (na edição da página do Vaticano corresponde ao n. 253).

12 Refere-se à controvérsia em torno da teologia da graça, no início do século V, entre o monge Pelágio e Santo Agostinho.

nossa liberdade. Assim colocada a questão, o ponto forte se situa no esforço humano, na iniciativa dos indivíduos, e não na resposta amorosa ao Deus que, sendo santo, nos santifica, envolvendo-nos com seu abraço amoroso.

Uma *segunda* observação diz respeito à santidade da Igreja. Ensina o Concílio que, em consequência da santidade de Deus e de sua iniciativa salvífica, deve-se afirmar a santidade da Igreja enquanto tal. A Igreja, Povo de Deus, é indefectivelmente santa. Essa afirmação faz parte da fé que professamos. Aqui é útil acrescentarmos uma referência histórica que nos conduza à compreensão de Igreja que o Vaticano II deseja nos oferecer. Com o tema da vocação de todos os batizados/as à santidade na Igreja, abre-se um novo caminho, rico em possibilidades de renovação na Igreja. De fato, a Constituição sobre a Igreja, projetada pelo Concílio Vaticano I (1869-1870), nem tocava nesse tema. A Igreja era abordada mais como instituição do direito, como “sociedade perfeita”. Esse modelo já vinha sendo antecipado desde a Idade Média, sobretudo com os Papas Inocêncio III e Bonifácio VIII. Era uma Igreja mais do poder e da instituição que do mistério da ação salvífica de Deus, tornada visível no mundo pela Igreja de Cristo. Qual foi a resposta do Concílio Vaticano II? Ele traçou uma linha de abordagem “calcedoniana”: por um lado, nem só uma Igreja de grandeza social, por outro, nem só uma Igreja pura, espiritual, uma Igreja do amor (cf. LG 8a). Deve-se pensar a Igreja ao mesmo tempo espiritual e social, realidade do mistério e instituição. Essa percepção fica mais clara se fizermos uma leitura atenta da Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. De fato, o Concílio começa sua referência sobre a Igreja da Trindade santa (*Ecclesia de Trinitate*), para a seguir tratar da Igreja como Povo de Deus peregrino na história (LG II). Assim afirma o Concílio: “o organismo social da Igreja serve ao Espírito de Cristo que o vivifica para o aumento do corpo” (LG 8a).

Se observamos mais atentamente a intenção do Concílio, a referência sobre a Igreja não se encerra na *Lumen Gentium*. A Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja dentro

do mundo de hoje não trabalha diretamente a questão do mundo, mas sim trata da própria *Igreja dentro do mundo*, estabelecendo uma relação estrutural entre Igreja e mundo. O mundo não é aqui considerado como o lugar do Maligno, mas como lugar da própria autocomunicação de Deus para nós na história. Isso nos permite dizer que a afirmação básica do capítulo V da *Lumen Gentium* é uma correção de rota: não é uma santidade de alguns que vivem na condição secular, mundana; e de outros que vivem a *fuga mundi*, numa vida “separada” dos demais num “estado de perfeição”. Não foi essa a intenção do Concílio. Ele quis falar da vocação de todos os batizados/as à santidade no mistério da Igreja dentro do mundo.

Uma *terceira* observação nos conduz para além da chave de leitura da santidade de Deus, para outro aspecto também importante: a santidade da Igreja. O Concílio quer nos dizer que somos chamados à santidade *na Igreja*. O endereço da santidade é, portanto, a própria Igreja santa. O batizado/a, que responde ao chamado de Deus com uma vida santa, santifica também a própria Igreja e vice-versa: a santidade da Igreja santifica o fiel.

Mas a santidade da Igreja e de cada um dos batizados/as não é santidade originária. Ela é santidade doada, gratuita. É graça que nos vem por Cristo e com ele. O Cristo mediador é substancialmente santo e faz a Igreja ser santa. Na carta aos Efésios, Paulo compara a relação amorosa do esposo com sua esposa à relação de Cristo com a Igreja: “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra...” (Ef 5,25-26). Depois derramou sobre a Igreja o Espírito Santo para sua plena realização. Assim, a Igreja foi “batizada”. Por esse “batismo”, a Igreja foi constituída na sua corporeidade como presença visível da salvação em Cristo. Ela é então instrumento de salvação em Cristo.

Um só caminho ou muitos caminhos para a santidade?

Depois desse raciocínio, devemos tirar também uma consequência: a única santidade, que vem de Deus, se realiza

por muitos caminhos. É evidente que o Concílio não utiliza mais a linguagem da teologia clássica da Vida Religiosa das duas vias para alcançar a perfeição da santidade, dos Conselhos e dos Preceitos. A nova abordagem conciliar é existencial. Liga os batizados/as às várias situações de vida e à diversidade de tarefas a que devem responder. Com isso o Concílio quer-nos dizer que só há uma forma de realização cristã em seus elementos fundamentais para chegar a ser cristão, que se manifesta nas várias situações da vida. Enumeramos esses elementos fundamentais que se devem encontrar em todos os caminhos de realização cristã:

- a) a única salvação depende da orientação e impulso da graça, pela ação do Espírito Santo. De qualquer modo que se aborde a vida cristã, sempre se deve salvaguardar o primado de Deus sobre a nossa resposta humana. A santidade que nos chega de Deus, por Cristo, no dinamismo do Espírito, é pura gratuidade de um Pai que se debruça sobre sua criatura;
- b) por isso, o cristão é chamado a discernir nos acontecimentos da vida, no cotidiano, a voz do Espírito Santo em humilde atitude de obediência;
- c) no horizonte de sua peregrinação, dentro do Povo de Deus, o fiel encontra o caminho do seguimento de Jesus humilde e pobre, carregando a cruz;
- d) assim, o fiel é exortado a “avançar sem hesitação segundo os próprios dons e cargos pelo caminho da fé viva, que excita a esperança e opera pela caridade” (LG 41a).

Como que para exemplificar, o texto conciliar cita “os vários gêneros de vida e ofícios” que exprimem a única santidade, entre eles os pastores, os presbíteros, os diáconos e demais servidores do Povo de Deus, os esposos e pais cristãos, viúvos, viúvas e solteiros, os fracos, os doentes e atribulados, os que sofrem perseguições pela justiça, em fim, para terminar, “todos os fiéis cristãos nas condições, ofícios ou circunstâncias de sua vida, e através disto tudo, dia a dia mais se santificam, se com fé tudo aceitam da mão do Pai celeste e cooperam com a vontade divina, manifestando

a todos, no próprio serviço temporal, a caridade com que Deus amou o mundo” (LG 41g).

De particular importância para a realização do caminho de santidade é a retomada da doutrina dos carismas (LG 12b). Foi um verdadeiro resgate da dimensão da graça que vivifica o Povo de Deus pela fé, esperança e caridade. É por essa graça trinitária que os fiéis são impulsionados ao testemunho até o martírio, a suprema prova da perfeição da caridade (cf. LG 42b).

Fechando o capítulo V, temos uma afirmação fundamental para prosseguir na reflexão sobre a Vida Religiosa inserida no dinamismo da vida cristã: “todos os fiéis cristãos são convidados e obrigados a procurar a santidade e a perfeição do próprio estado” (LG 42d). Ou seja, todos os fiéis batizados devem realizar o “espírito dos Conselhos”. Sem esse espírito não há perfeição cristã. E aqui é bom dizer que esse “espírito dos Conselhos” *não é alguma coisa menor* do que a sua realidade visível e apreensível, como acontece na profissão pública dos Conselhos evangélicos nas Ordens e Congregações religiosas. Na verdade, é o seu cerne, o seu núcleo central. Sem a vivência desse espírito dos Conselhos, nenhum fiel, qualquer que seja a sua condição ou ofício, pode se sentir seguro no seguimento de Jesus Cristo. Dizendo com outras palavras: a profissão pública dos Conselhos evangélicos não garante por si mesma chegar à perfeição cristã. Essa é garantida pela vivência do espírito dos Conselhos. A profissão pública tem, por isso mesmo, um significado que lhe é específico dentro da vida cristã.

A profissão pública dos Conselhos evangélicos  
no mistério da Igreja, Povo de Deus

Numa concepção dinâmico-existencial da vida cristã e, conseqüentemente, da Vida Religiosa, o mais importante é a viver a vivência do “espírito dos Conselhos”, num modo específico de viver o carisma próprio da Vida Religiosa. Esse modo específico se realiza como profissão pública, institucionalmente regulada pela autoridade eclesial

e reconhecida pelos fiéis como um “modo de chegar a ser cristão”, trilhando o caminho de santidade na Igreja.

Nesse modo público de viver a vida cristã, o Concílio reconhece alguns pontos fundamentais: que a vocação vem de Deus como graça que convoca o batizado/a, leigo/a ou clérigo para o seguimento de Jesus Cristo; essa graça da vocação é dada à própria Igreja, Povo de Deus, pelo seu Senhor. Por isso, a própria Igreja deve cuidar dessa graça com carinho, conservando-a para o serviço ao Reino de Deus (cf. LG 42a). Assim, a Vida Religiosa se constitui na Igreja “como sinal muito claro do Reino do Céu” (*Perfectae caritatis* 1).

Nunca é demais ressaltar que o batizado/a que acolhe a vocação à Vida Religiosa o faz na Igreja e para a sua edificação no mundo, ou seja, “para o bem espiritual de toda a Igreja” (LG 44b). A lógica que preside esse raciocínio é a mesma que Paulo utiliza na sua tão citada admoestação à comunidade de Coríntios sobre os carismas (1Cor 12-14).

A consagração da Vida Religiosa tem, além do mais, um caráter intrinsecamente sacramental: como os demais carismas, também o da Vida Consagrada explicita e orienta a consagração batismal. Esse é o dom maior que nós batizados/as podemos almejar na vida eclesial. Não há nada maior do que isso: explicitar a própria fé com a vida.

Depois dessas considerações sobre a Vida Religiosa, nunca é tarde demais insistir num dos grandes objetivos que o Vaticano II se propôs: que o Povo de Deus no seu todo e cada um dos batizados/as possam compreender a importância e o sentido radical dos Conselhos evangélicos, professados publicamente e vividos existencialmente pelos fiéis, cada qual na sua condição de vida na sociedade e na Igreja. Do ponto de vista teórico, para que esse objetivo seja realmente alcançado seria desejável que a comunidade dos fiéis assimilasse realmente a teologia da Igreja que se encontra nos capítulos I e II da Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. Essa teologia deveria impregnar profundamente a vida eclesial. XVI, com a Reforma pro5 (o sej)1.14.6 (s)-1.2 (t)-23 (a)-22 (n)5.8 (t)-5.5 (e)4.3 (, )0.5 (d)-2.9 (e )0.5 (u)-22.5 (m )0.5 (l)-17 (a)-4.5 (do)15.1 (, )0.5 (e)

## Qual é a minha missão nesta breve existência na terra?

Apontamentos de marketing vocacional para nortear nossos sonhos

\* **Ir. Cintia Giacinti Barbon** é italiana, vive e trabalha na animação vocacional no Brasil há quinze anos. Pertence à Congregação das Apostólicas, membro da Família Paulina, que tem como carisma e missão a Pastoral Vocacional. Atua no IPV, Instituto de Pastoral Vocacional, no âmbito de Editoria e Marketing. Secretária executiva do Serviço de Animação Vocacional da Região Episcopal Ipiranga, Arquidiocese de São Paulo. Formada em Publicidade e Propaganda (Marketing) pela Faculdade Paulina de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). **E-mail:** <apocintia@gmail.com>.

**Fernanda Elouise Budag** é luterana. Doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP. Membro dos Grupos de Pesquisa “Midiato – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas” (ECA/USP) e “Comunicação-Consumo: Educação e Cidadania”

IR. CINTIA GIACINTI BARBON\*

Vivenciamos uma mudança de época, como nos lembra a Conferência de Aparecida.<sup>1</sup> Momento de avanços tecnológicos que reitem sobre a sociedade, sobre as suas práticas e, sobretudo, sobre seus valores. Portanto, momento de transição em que é preciso dialogar e prestar muita atenção aos “sinais dos tempos”. Estamos na chamada era digital, da qual, defendemos, precisamos participar com um olhar que possa dar sentido e valor a tudo aquilo que está dentro deste processo de mudança. Porque, a nível, do início e ao fim de todas as coisas há as pessoas, que são o que de fato nos interessam e merecem a nossa atenção. O ser humano precisa, escreve Papa Francisco, “dar o ‘salto’<sup>2</sup> (para o âmbito da beleza)”, e nós interpretamos essa expressão como significando que as pessoas devem encontrar sentido, felicidade e vida em plenitude nesta era de mudança.

A inspiração para escrever este artigo vem da leitura de *Gestão e espiritualidade*, de Murad,<sup>3</sup> que nos instigou o questionamento: “por que não fazer algo com o marketing?”. Após formação em publicidade e propaganda, ocorreu-nos a proposta de “ler” o marketing em sentido mais espiritual, ou, como vamos chamar aqui, em sentido *vocacional*. Proposta então concretizada no presente artigo.

Dessa forma, iniciamos concretamente a nossa reflexão questionando: mas o que é o marketing, afinal? Uma das sentenças mais usadas para definir o conceito de marketing, sem dúvida, é a seguinte: “Atividade humana dirigida para satisfazer necessidades e desejos por meio de troca”,<sup>4</sup>

defendida por Philip Kotler, considerado o “pai do marketing moderno”. E a partir desse enunciado, entendemos que o atendimento desses desejos/necessidades se dá por meio da troca. E, assim, o marketing é executado a partir da aplicação de estratégias a suas diversas dimensões: as definições de seus chamados 4 Ps (*Preço, Praça, Produto e Promoção*), além de mercado-alvo e de posicionamento.

Para ajudar-nos a entender o que realmente é o marketing em nosso dia a dia, fazemos uso de um símbolo muito significativo para nós: a bússola. Isso com inspiração em um artigo do professor Valdani,<sup>5</sup> no qual o autor, através do uso da metáfora da bússola, norteia os pontos essenciais de um bom marketing das empresas. Nós tomamos então emprestado o símbolo da bússola e aproximamos a ela alguns dos itens, a nosso ver, mais interessantes do marketing, para que ele possa alcançar o conceito de *marketing vocacional*. Conceito este que, portanto, é capaz de nortear as pessoas rumo ao sentido da vida, seja dentro e fazendo parte da instituição religiosa, ou seja colocado em prol das pessoas e suas próprias singularidades, em suas vidas pessoais.

Este texto tem, pois, como objetivo explorar os princípios do marketing aplicado a um âmbito da esfera da vida do indivíduo, para que esta seja preenchida de sentido e para que isso reflita no coletivo, em novas boas práticas humanas e sociais.

Se o marketing, conforme a máxima de Kotler, é uma atividade humana dirigida para satisfazer necessidades e desejos por meio de troca, e a vocação é o chamado, então o marketing vocacional pode ser representado por todas as atividades que promovem, despertam, provocam para chamar a pessoa à ação.<sup>6</sup>

Pe. Tiago Alberione, em uma meditação às Irmãs Apostólicas, afirmava que era necessário um espírito de iniciativa, e não de espera. Para nós, Apostólicas, esta referência representa um incentivo a pensar e a agir sem esperar as condições favoráveis; precisamos ir ao povo, em busca das pessoas, como nos falava o fundador: “Jesus, falando a Pedro, não disse: ‘Esperem que venham dizer-lhes: Instruí-nos na

(ESPM-SP). Docente da Faculdade Paulina de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). **E-mail:** <fernanda.budag@gmail.com>.

1 *Documento de Aparecida*, n. 33 e 44 (DAP).

2 *Laudato Si'*, n. 103 (LS).

3 MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

4 KOTLER, Philip. *Marketing de A a Z*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

5 VALDANI, Enrico. *La bussola del marketing*. Disponível em: <<http://www.vva.it/content/Upload/20100112-articolo.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

6 Para poder refletir sobre o uso que fazemos das palavras. Às vezes uma palavra ou uma frase apresentada no momento certo movimentam atitudes e valores que fazem as pessoas serem mais humanas (YOUTUBE). *O poder das palavras*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mkJT6cULBY8>>. Acesso em: 15 set. 2015).

religião cristã'; mas disse 'Ide procurá-los!'. Ide! É preciso espírito de iniciativa".<sup>7</sup>

Em relação ao sentido e qualidade de vida de nossas juventudes, sejam elas dentro ou fora do contexto eclesial, questionamos: como fazer uso dos princípios do marketing para atingir as pessoas? Orientando as suas escolhas? Colocando valores e princípios cristãos no caminho da vida deles?

Marketing é sobre as escolhas que fazemos. Se entendemos o que nos motiva a escolher, seremos craques em marketing. Não é fácil, porque os critérios que usamos são uma mistura danada.

Parte do que escolhemos é fruto de nossa liberdade para fazermos escolhas – é expressão de nosso *desejo*. Outra parte tem origem nas limitações que a natureza nos impõe – escolhas que nosso *destino* biológico nos obriga a fazer [...]. Ser humano é destino e desejo. Dança da biologia com a economia. Do gene como o ambiente. Do DNA com o FMI (NÓBREGA, 2002, p. 9).<sup>8</sup>

Nesse sentido, os princípios do marketing, enquanto marketing vocacional, teriam o potencial de orientar escolhas.

Dando seguimento à aproximação da bússola ao marketing, aquela nos dá um norte e um sentido, em primeiro lugar, para entender o que é o marketing e o que ele representa em nossas vidas; e, em segundo lugar, para compreender como o marketing pode ser aplicado também em nossas vidas através de uma metodologia clara e objetiva. E assim o marketing assume-se enquanto uma poderosa ferramenta para podermos alcançar objetivos, valores e metas em nossas vidas – estamos, pois, rumo ao que chamamos de marketing vocacional.

A partir da aproximação com a bússola, selecionamos quatro pontos cardeais/indicadores do marketing para que possamos explicar a sua essência; para, nesta explicação, colocarmos-nos a caminho dos desafios e inovações que o marketing nos aponta rumo ao marketing vocacional: (1) *Norte* – criação de valor; (2) *Sul* – processo criativo; (3) *Leste* – *design thinking*; e (4) *Oeste* – avaliação.

7 PADRE ALBERIONE. *Alle Apostolice*, tradução nossa. AP 1961, p. 193.

8 NÓBREGA, Clemente. *Antropomarketing: dos Flinstones à era digital* – marketing e a natureza humana. Rio de Janeiro: Senac, 2002, p. 9.

Criação de valor – Norte: aquilo que dá sentido

O valor é o que move o consumidor e o que dá força a uma marca; valor como algo importante dentro e fora da empresa. O valor que um consumidor enxerga numa marca é o que o motiva a sua compra e consumo. Não seu valor monetário, mas seu valor simbólico; o que essa marca representa para esse consumidor, o que essa marca oferece a esse consumidor. E se pensarmos em valor a partir do conceito de marketing 3.0 (KOTLER, 2010), conceito mais recente do marketing, centrado sobre a pessoa em sua integridade, trabalhando mente, coração e espírito do consumidor, temos um avanço no âmbito dos valores. “O Marketing 3.0 leva o conceito de marketing à arena das aspirações, valores e espírito humano. O Marketing 3.0 acredita que os consumidores são seres humanos completos, cujas outras necessidades e esperanças jamais devem ser negligenciadas” (KOTLER, 2010, p. 5).<sup>9</sup> Por sua vez, o marketing vocacional ajudaria a pensar sobre valores que dão sentido à vida de cada um de nós.

Processo criativo – Sul: motivadores do mundo

Da mesma forma como na comunicação e no marketing institucionais temos o processo criativo, no marketing vocacional temos a espiritualidade. Esta desempenha o papel criativo voltado ao âmbito pessoal. Ou seja, a espiritualidade é o processo que nos faz enxergar novas alternativas e novas saídas para as nossas vidas, assim como o faz a criatividade no trabalho junto ao marketing de uma marca. “Na mente do artista, espiritualidade e criatividade são semelhantes. Criatividade estimula espiritualidade. A necessidade espiritual é o maior motivador da humanidade, que libera a mais profunda criatividade humana” (KOTLER, 2010, p. 21).<sup>10</sup>

*Design thinking* – Leste: *insights* para problemas

Bastante em evidência hoje e muito assumida por organizações menos convencionais, o *design thinking* consiste em um conjunto de métodos para se abordar problemas e

9 KOTLER, Philip. *Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010, p. 5.

10 KOTLER, Philip. *Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010, p. 21.

propor soluções. No âmbito institucional, nas congregações religiosas e na vida da Igreja, o *design thinking* teria um potencial grandioso, pois todas essas instituições têm programas, planejamentos e planos de ações a serem pensados. E o *design thinking* foca concretamente nos problemas para fazer esses planejamentos efetivamente saírem do papel. E, de forma mais ampla, no âmbito pessoal, para se pensar nos dilemas das vidas das pessoas, além de funcional, orientando-as efetivamente, o *design thinking*, enquanto ferramenta colaborativa, ainda dialoga com o espírito do tempo contemporâneo.

### Avaliação – Oeste: mensuração das possibilidades

A etapa de avaliação de que fazemos referência aqui diz respeito ao momento em que se analisam as reais possibilidades de um planejamento. A partir do trabalho desempenhado para se pensar sobre o problema e suas soluções usando a ferramenta do *design thinking*, quais são as alternativas que se desenham a sua frente, para melhorar a sua vida e dar sentido a sua existência? Institucionalmente, é a fase de se pensar de fato que ações têm mais “a cara” da marca e quais serão colocadas em prática para promovê-la. Pessoalmente, representa a fase em que se pensa sobre o futuro e sobre os próximos passos rumo à vida plena que se deseja alcançar.

### Perspectivas finais

Valdani<sup>11</sup> defende que o marketing deveria ser comparado à navegação loxodrômica. Esta se refere à navegação que se efetua seguindo um rumo constante, mas que justamente por isso pode não fornecer o caminho mais curto para longas distâncias. O marketing aponta caminhos para uma marca, assim como a navegação loxodrômica ao comandante.

O marketing nos convida a remar. Podemos saber todos os seus princípios básicos e muito mais, mas é necessário praticá-lo. E praticá-lo, por exemplo, aplicando-o em nossas

11 VALDANI, Enrico. *La bussola del marketing*. Disponível em: <<http://www.vva.it/content/Upload/20100112-articolo.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

vidas, para gerarmos valor, enfrentarmos nossos problemas e enxergarmos alternativas – executando efetivamente o marketing vocacional.

Como nem sempre vemos estes rebentos, precisamos de uma certeza interior, ou seja, da convicção de que Deus pode atuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos, porque “trazemos este tesouro em vasos de barro” (2Cor 4,7). Esta certeza é o que se chama “sentido de mistério”, que consiste em saber, com certeza, que a pessoa que se oferece e entrega a Deus por amor, seguramente será fecunda (cf. Jo 15,5). Muitas vezes esta fecundidade é invisível, incontrolável, não pode ser contabilizada. A pessoa sabe com certeza que a sua vida dará frutos, mas sem pretender conhecer como, onde ou quando; está segura de que não se perde nenhuma das suas obras feitas com amor, não se perde nenhuma das suas preocupações sinceras com os outros, não se perde nenhum ato de amor a Deus, não se perde nenhuma das suas generosas fadigas, não se perde nenhuma dolorosa paciência. Tudo isto circula pelo mundo como uma força de vida. Às vezes nos invade a sensação de não termos obtido resultado algum com os nossos esforços, mas a missão não é um negócio nem um projeto empresarial, nem mesmo uma organização humanitária, não é um espetáculo para que se possa contar quantas pessoas assistiram devido à nossa propaganda. É algo de muito mais profundo, que escapa a toda e qualquer medida. Talvez o Senhor se sirva da nossa entrega para derramar bênçãos noutra lugar do mundo, aonde nunca iremos. O Espírito Santo trabalha como quer, quando quer e onde quer; e nós gastamo-nos com grande dedicação, mas sem pretender ver resultados espetaculares. Sabemos apenas que o dom de nós mesmos é necessário. No meio da nossa entrega criativa e generosa, aprendamos a descansar na ternura dos braços do Pai. Continuemos para diante, empenhemo-nos totalmente, mas deixemos que seja ele a tornar fecundos, como melhor lhe parecer, os nossos esforços.<sup>12</sup>

## Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. No artigo é mencionado um símbolo, como síntese e resumo daquilo que o marketing vocacional poderia proporcionar: a bússola. A partir da sua realidade e conhecimento, qual seria o símbolo que você escolheria e por quê?
2. Fazendo referência ao próprio fundador, pe. Tiago Alberione, foi mencionada uma frase que leva à “ousadia” das práticas vocacionais de não esperar as juventudes, mas procurá-las, tendo “espírito de iniciativa”. Qual seria a ousadia, aqui e agora, que o seu Fundador ou Fundadora lhe deixou como dádiva?
3. Convidamos você a ler em forma pessoal e/ou comunitária o trecho da EG 279, no fim do artigo. Talvez o Papa Francisco seja modelo do novo marketing da Igreja atual, um modelo que atua “no sentido do Mistério” e nas práticas cotidianas de coerência e vivência daquilo que proclama com aquilo que vive. À luz do “novo” marketing da Papa Francisco, quais atitudes, valores e novas perspectivas a nossa Igreja aponta a você como consagrado/a, para sua congregação e comunidade?

## Bibliografia

- ALBERIONE, Giacomo. *L'Apostolato dell'Edizione*. Cinisello Balsamo, Milano: Edizioni San Paolo, 2000.
- ALBERIONE, P. Tiago. *Apostolado da Edição ou Apostolado dos Meios de Comunicação Social*. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.
- BOX1824. *Sonho brasileiro*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=7\\_9KZrtu1XM](https://www.youtube.com/watch?v=7_9KZrtu1XM)>. Acesso em: 15 set. 2015.

- BROWN, Tim. *Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- CARMAGNANI, Rossana; DANIELI, Mario. *Leaders nel servizio. Appunti per la formazione degli animatori di gruppi ecclesiali*. Roma: Edizioni AdP, 2000.
- CARTA ENCÍCLICA do Sumo Pontífice Francisco. *Laudato Si'*: louvado seja sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015. Referência LS.
- CILETTI, Dorene. *Marketing pessoal*. São Paulo: Cengage Learning, 2014.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007. Referência DAp.
- EXORTAÇÃO APOSTÓLICA do Sumo Pontífice Francisco. *Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013. Referência EG.
- KOTLER, Philip. *Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- KOTLER, Philip. *Marketing de A a Z*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- LIVRO DE ORAÇÕES da Família Paulina. São Paulo: Paulus, 2011.
- MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- NÓBREGA, Clemente. *Antropomarketing: dos Flintstones à era digital – marketing e a natureza humana*. Rio de Janeiro: Senac, 2002.
- PADRE ALBERIONE ALLE APOSTOLINE. *Meditazioni del 1961*. Roma: Castel Gandolfo, 2014.
- PALMER, Adrian. *Introdução ao Marketing: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 2006.
- RÁDIO VATICANO. Disponível em: <[http://pt.radiovaticana.va/news/2014/12/22/papa\\_à\\_cúria\\_doenças\\_e\\_tentativas\\_para\\_exame\\_de\\_consciência/1115679](http://pt.radiovaticana.va/news/2014/12/22/papa_à_cúria_doenças_e_tentativas_para_exame_de_consciência/1115679)>. Acesso em: 16 set. 2015.
- SILVA, Flávio Augusto da. *Geração de valor: compartilhando inspiração*. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.



VALDANI, Enrico. *La bussola del marketing*. Disponível em: <<http://www.vva.it/content/Upload/20100112-articolo.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

YOUTUBE. *O poder das palavras*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mkJT6cULBY8>>. Acesso em: 15 set. 2015.



## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <[publicacoes@crbnacional.org.br](mailto:publicacoes@crbnacional.org.br)>.



## ASSINATURAS

*Prezado(a) assinante,*

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 135,00 (para o Brasil)
- R\$ 189,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <[crbnacional.org.br](http://crbnacional.org.br)>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 2863-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

**[convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)**  
ou pelo telefone (61) 3226-5540  
ou pelo fax (61) 3048-6479.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).